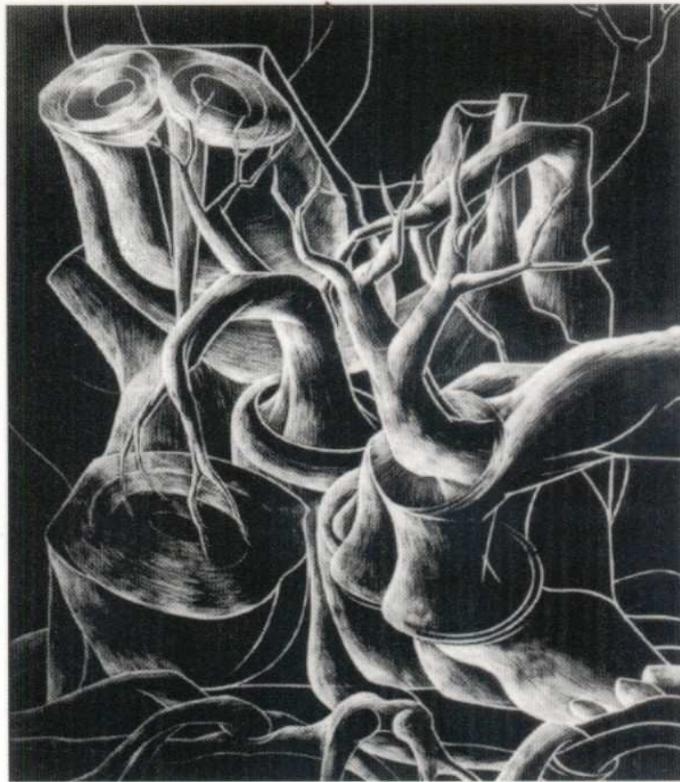


Adelino Torres

Uma fresta no tempo

seguida de

Ironias



Edições Colibri



Adelino Torres é Professor universitário. Autor de vários livros e de dezenas de artigos e outros textos em jornais e revistas nacionais e estrangeiras, entre as quais, no domínio literário, a *NRF-Nouvelle Revue Française* (Paris, éditions Gallimard) e *Encontro*, revista do Gabinete Português de Leitura de Pernambuco (Brasil).



Este livro divide-se em duas partes.

Na primeira parte (“*Uma fresta no tempo*”) entrecrocavam-se esperança e revolta, consciência da finitude e inquietação, desespero e combate.

A segunda (“*Ironias*”) pratica aquele humor que a falsidade, o pretensiosismo ou o risível tantas vezes inspiram.

Não obstante, é certo, no dizer de Henri Bergson *O Riso*, que se o “*riso castiga os costumes*” também contém “*uma certa dose de amargura*”, tanto mais que a comicidade tem várias causas e sentidos.

Sendo assim, a primeira e a segunda partes são duas faces da mesma moeda.



***“Je prends mes désirs pour la réalité
car je crois en la réalité de mes désirs »***

(Estudantes de Paris, Maio 1968)

*Desenho da capa do artista angolano
Eleutério Sanches
intitulado “Angola é um imbondeiro”*

Nota introdutória

Este livro divide-se em duas partes aparentemente distintas (inicialmente estava previsto que seriam dois livros diferentes), o que talvez necessite de uma explicação.

A primeira parte (“*Uma fresta no tempo*”) traduz, bem ou mal, um estado de espírito onde se entrechocam esperança e revolta, consciência da finitude e inquietação, desespero e combate.

A segunda (“*Ironias*”) pratica aquele humor que a falsidade, o pretensiosismo ou o risível tantas vezes inspiram. Não obstante, é certo, no dizer do filósofo Henri Bergson, que se o “*riso castiga os costumes*” também contém “*uma certa dose de amargura*”, tanto mais que a comicidade tem várias causas e sentidos, como ele tão claramente escreveu no seu conhecido texto intitulado ***O Riso***.

Admito que a primeira e a segunda partes são duas faces da mesma moeda, o que justifica a sua inclusão numa só obra.

Dedico, com reconhecimento, este livro aos meus amigos das boas e más horas. Não preciso de os nomear: eles reconhecer-se-ão.

A.T.

I - Uma fresta no tempo

1

Fanatismo I

Chegaram os viajantes do espaço estranho
desfraldando bandeiras ensanguentadas.

A terra estremeceu
num grito degolado,

o céu ficou toldado
de púrpura e violeta,

os ventos ancestrais
trouxeram o odor putrefacto
de túmulos abertos
com fragor, de par em par,
quando os mortos ressuscitaram
com a fúria dos chacais
que avançaram em tropel
para nos matar.

Vem aí de novo o tempo de Armagedão
a cavalgar a fúria das trevas
a mão na espada.

Ergamos a muralha da razão armada
com lanças de fogo
e combatamos a excrescência do nada!

2

Razão

A verdade mora
no esplendor das pedras
a meditar silêncios,

mora
nos murmúrios da aragem
acordada ao sol-erguer
entre arvoredos selvagem
e aves entorpecidas
na alvorada a romper,

mora
nas ruas desertas
de passos que já passaram
de poetas vagabundos
de inquietos pensadores
que se sumiram na noite
por velhas estradas incertas
em busca de novos mundos.

Agora
dissolveu-se na poeira das estrelas
nos escombros das ideias,

habita envergonhada
em buracos de toupeira
em vielas escusas cavadas no betão
da utopia agredida
onde vive a desrazão.

Talvez seja por isso
que a razão anda perdida
do rumo que já não tem

sem saber para onde vai
nem donde o mistério vem.

Pobre razão já traída
por sábios e menos sábios
pregoeiros
batoteiros
vendilhões e mercadores,

não sabendo que não sabem
não fazendo o que nos dizem
nem dizendo o que já fazem

a abandonaram esquecida
numa lixeira da vida...

3

Vento do Sudão

Em lembrança de Darfur (Sudão)

De terras martirizadas mesmo ali ao lado
chegam-nos rugidos de milícias ancestrais
feras enraivecidas e letais
empunhando a morte num estandarte
com a ponta afiada em ódios calcinados.

Gritos de desespero e de pavor
rasgam o bronze africano,
trespassam a crosta do deserto para lá da própria dor
e espalham-se pelo caminho plano
sufocado de vísceras e corpos decepados

enquanto os guerreiros sôfregos bebem
o sangue crepuscular

que, alucinado e perdido,
escorre na planície indiferente
em nome de um deus traído
há muito friamente assassinado
no coração e na mente.

Eis os sons que recusamos ouvir
quando chegam pelo calada às nossas praias;
eis as imagens que não queremos enfrentar
nos espelhos do presente e do devir

porque o reflexo do nosso próprio olhar
nas poças ensanguentadas da loucura
nos obrigaria, envergonhados, a fugir...

4

Lembranças para África

Já não vejo os rastos perdidos que deixei nos confins da juventude
pelas estrada africanas que pisei tão ao de leve
paisagens sem pressa que ficaram para trás
gentes cujo rosto se foi diluindo no cacimbo
quando o sol se esquivava em sombreados
imbondeiros pachorrentos que talvez esperem ainda
o regresso do rapaz que apanhava visgo
para caçar passarada distraída
(como o tonto do beija-flor)
com o Abel Sanda que vinha de Cabinda
e que um dia se foi embora levado pelo pai
marinheiro de rebocador
em Santo António do Zaire
e me deixou só com outros brancos chatos
que não tinham aquela energia maluca da velha África
a trepar pela música acima
não roubavam nos quintais maçãs da Índia ou castanhas de caju
não sabiam verdadeiramente nem rir nem brincar

nem corriam descalços sobre pedras como o Abel Sanda
nem conheciam os segredos das barrocas de Luanda
pintadas de vermelho com mandioqueiras desgrenhadas
que viviam ao Deus-dará de uma gota de água e de pequenos nadas
a espreitar com receio para o mar
quando no porto chegava algum navio
carregado de colonos que sonhavam
com a árvore das patacas
a crescer de certeza num jardim lá do sítio
no meio de leões cor-de-rosa, um Tarzan ariano e bacalhau com batatas
enquanto os homens da terra abanavam a cabeça
e suspiravam sem saber de nada.

5

Migrantes

Sobem velas rio acima
penas brancas desfraldando asas
a rasgar a corrente sem idade
que chega do norte do tempo
com aquele ibérico vagar
que traz consigo a melancolia
a soar no ouvido das ervas
e no fragor dos búzios do mar.

O sol meio apagado
respira agora nos poros
da fronteira sombria
por onde se esgueira
vindo do sul em ritmo ondulado
o pólen resgatado
que tomba no regaço do exílio
onde perece a fogo lento
a inocência dos naufragos...

6

A vida continua

A vida continua
proclamam os sensatos
o povo
e os literatos,
depois da morte chamar
os que já nada dizem
por terem certamente mais em que pensar.

Razão fundamental que de certeza causa
a mudez obstinada das flores
e o silêncio dormente das árvores
que sabem melhor do que nós
que essa continuidade é curta pausa...

7

Tempo finito

*Para Gabriela Gomes
pela dádiva de renascer*

Fechei à chave as feras no covil
e reconciliei-me com o mundo
quando descobri que tempo é ilusão
e que o futuro será passado
no mesmo instante que dura
o voo de um insecto
ou um grito do vento
no silêncio abafado
de fugidio Verão.

Sei agora que o tempo acompanha
o instantâneo movimento circular
das flores que desabrocham e fenecem
num breve ciclo lunar
de sonhos que mal sonhados
tão bruscamente perecem...

8

Vivência

Não será nem bem nem mal
ser-se crente ou ser-se ateu.
A vida vivida não é
nem o mundo lá de fora
sem o eu,
nem o eu aqui de dentro
sem o mundo.

Essa é a *razão vital*
no sentido mais profundo
de que falava
um tal Ortega y Gasset...

9

Balanço

Um mar de lápides e sargaços
jaz aos pés do firmamento
na palidez dos mortos
que a transparência do azul estelar
espelha e repercute
na memória passageira das giestas.

Gravadas na pedra tumular
há mensagens repetidas
que o cortejo ritual
do esquecimento traz

rest in peace
descansa em paz,

como se as metafóricas palavras escritas
suspendessem o tempo
quando chega o balanço entre o deve e o haver
de um Criador silencioso
que talvez não tenha tempo para ler...

10

Civilização virtual

Perderam-se os ideais e as ideias
pelos atalhos
da ilusão obstinada e do engano.

Outras utopias irromperam
nos solos gretados pelo vácuo
das feiras da alegria virtual

enquanto as túmidas flores vão morrendo
estranguladas por milhões de decibéis
que escorrem como larvas
no fundo gasto dos aluviões.

É lá que os sons se afogam torturados
em centelhas de silêncio

e os sonhos agonizam no vazio
dos gélidos e solitários corações
que soçobram à deriva
na corrente do caudaloso rio

11

Feridas

Em memória de Laura Veloso Torres

Dizem que o tempo
varre as feridas da alma

mas ignoro o que é o tempo
e o que é a alma

porque nunca os vi.

Só sei que a alma
é duna de areia
à mercê do vento
que sopra do mundo,

que o tempo gira
nos relógios moles
de Salvador Dali

e que há feridas que ficam
a morar na dor
escondidas do tempo
num poço sem fundo.

12

Em cada dia que passa

É na linguagem dos pássaros
que me chega a fala
por entre silêncios
e rumores de folhagem

quando dos ramos escorrem
lágrimas das horas
e os passos se consomem
nos caminhos circulares
onde me perco à escuta...

Em cada dia que passa
sinto que a saudade mata.

13

Deserto

Quero espalhar na terra que engelha e seca
macheias de luz de um suave Outono,
plantar raios de sol e regá-los com chuva
para deter do deserto a progressão
que invade os corações quando pensam
que o espírito é apenas uma dimensão do corpo.

14

Idade sem idade

A idade chegou
mas não dei por isso.

Apenas sei
que já tive o infinito em frente
e que hoje conheço, mais modestamente,
a finitude das coisas e dos seres.

Saber que a minha vida
enfrenta a ordem natural
em que a duração escasseia
e passa com ligeireza
na vertigem de um instante

não é nem bem nem mal,
mas apenas a execução universal
do ciclo da natureza

na trajectória redonda
de insondável leveza
que nasce, vive e se apaga

como a imagem de um deus
cujos traços se diluem
entre a bruma e cada vaga
dum oceano revolto

15

Ser

O agir segue o ser
fonte de actividade
em veredas de conhecimento.

Todo o viver comporta
enquanto tal um saber,
retorno natural
da vida sobre ela própria.

Mas sempre o ser depende doutro ser
como a terra da chuva
a planta do sol
e o vinho da uva.

Só essa semente irmã
permite a vida vivida
na seiva robustecida
que corre nos corpos, nas almas
e nas veias das primeiras folhas
da oculta manhã...

16

Viagem

Dá-me a tua mão e vamos
atravessar os mares do sul,
cortar os ventos
com a quilha do nosso barco alado
feito de celeste azul,

embebedar-nos de sol e maresia
numa praia escondida
em recantos da alma.

Vamos cortar o espaço sideral
nas asas de um pássaro migrador
rumo ao fio horizontal do horizonte
para lá do qual renasces imortal
e se apaga a dor...

17

Dor

Abri o meu peito
para extrair a dor
mas a dor recusou
deixar-se arrancar

somente aceitou
estar lá sem matar
mas disse ficar
a bem ou a mal
cá dentro escondida

e seguir-me os passos
sem eira nem beira
até à hora
do juízo final

quando eu cavalgar
um corcel fogo
de crinas de ouro
e formas aladas

que galopa em estradas
a luz dos cometas
até encontrar
um lago de estrelas
nesse canto do céu
onde vive o azul
sem princípio nem fim .

18

Ideologias

Como disse o filósofo
as ideologias também morrem,
umas vão para o céu
outras para o inferno.

Poucas deixam saudades
e muitas só suscitam a audição do riso
depois das lágrimas...

19

Viver cada dia

É preciso pagar a dívida
ao dia que passou
para que a vida
a montante e a jusante do mundo
não seja apenas cinza inútil
desejo esmorecido
ou macheia de folhas desgrenhadas
que a chuva sem pressa vai diluindo

no silêncio da várzea

como o olhar imóvel do moribundo
num labirinto de névoa
ao fixar no horizonte um ponto sem sentido
que a vista não alcança

20

Apocalipse

Nuvens de pássaros
caíram mortos do céu.

Das ervas tombaram as folhas,
das corolas as pétalas de sangue,
das árvores os frutos
todos os frutos, verdes e maduros.

O firmamento despovoou-se de astros
fugidos para outra galáxia
a cavalo no arco-íris,

os espíritos abandonaram os cemitérios
num clamor espavorido
que deixou para trás
sepulturas de pó vazias de sentido.

Então o homem, ébrio de si,
proclamou que era Deus e disse:
“Faça-se luz!”.
E fez-se luz
quando as chamas envolveram a terra
num imenso clarão,
devoraram as cinzas do orgulho
até à raiz das pedras

e cavaram abismos de silêncio
nas entranhas do chão
como um vulcão que se aquieta
quando acabou de arder.

Na terra inteira
calaram-se as vozes
quedaram-se os gestos
e o mundo deixou de ser...

21

Olhar de frente

Não podemos encarar de frente
nem o sol nem a morte,
janelas viradas para as trevas
de um hálito trémulo e quente
de quem não sabe o que vê
nem vê aquilo que sabe

ao afogarem-se os olhos
na profundidade de um lago
de palavras sem guarida
que escorrem para o mar
quando se escapam à vida
enlouquecendo a certeza.

Não se pode olhar de frente
nem o sol nem a morte...

22

Sobreviver

Sobreviver é viver
em reflexos de sombras
plantadas como punhais
em manchas brancas da luz
por entre as frestas do tempo

23

Se o tempo dorme

Passam as horas e os dias
mas não passa o tempo.

E se o tempo dorme
e dorme o sofrimento,
revivem nas cinzas
chamas da memória,

dançam ao relento
raízes e gestos
de lembranças idas
que as empurra o vento.

Quanto o tempo dorme
dorme o sofrimento

de sono tão leve
que desperta logo
ao sopro ligeiro
da flor que se abre
no silêncio calmo
de um campo de neve.

24

Vertigem

Não preciso ver o futuro nas borras do café
nem nas folhas de chá no fundo de uma taça.

Basta-me olhar para dentro de mim
perscrutar na cegueira
que se esconde por detrás dos olhos

e ver passar sombras da vida inteira
que desfilam como bandos de pássaros em viagem
e se diluem na voragem
dos ciclos que já vivi
dos que relembro e não sei
dos que sei e nunca vi
e dos que vi sem saber
o que ficou ou deles tirei

nesta amálgama de sonidos roucos
em anos-luz que passaram
das saudades que deixaram
das horas que se foram
e das que faltam para o fim,

amargas, morrendo aos poucos
como árvores imóveis no jardim
a desmaiar silêncios...

25

Solidão

O silêncio amordaçado
pela mão da solidão
prisioneiro acorrentado
nas pregas quentes do ar

vagueia sem ter destino
entre plantas de um jardim suspenso
por cordas de violino

no esforço vão de romper
as grades férreas da dor
para voar alto, tão alto
como o voo do condor

ultrapassar as barreiras
tenazes do sofrimento

e desfraldar bandeiras
no cimo duma montanha
aonde não chega o vento.

Quando se morre afinal
pela mão da solidão
morrem os sonhos do ser
nesse mesmo movimento

e verifica-se então
que a morte tão receada
é simplesmente igual
à ilusão de viver
quando na vida não vive
a réstia dum pensamento
e a sombra dum ideal

26

Noite

Aves nos olhos
flores nos dedos
nuvens que passam
a fugir dos medos
que o sopro do vento
provoca nas almas
a rasar os muros
no frio invernosso
da cidade morta
onde se arrastam
em noites sem lua
ruídos cansados
de passos na rua
de quem vai e vem
perdido sem rumo
em busca de alguém...

27

Trajecto

O meu destino segue agora
a torturada linha recta que separa
o lugar onde estou
da meta para onde vou,
fio ténue pronto a romper-se
que um dia será cortado
pelo som das asas de uma borboleta
a esvoaçar entre desfiladeiros da alma
lá onde pasce o vento solar.

28

Dúvida

A grande angústia da vida
é a pergunta da morte,
mas se a morte é só a morte
uma palavra mais nada,
para quê questionar o sentido das coisas?

29

Fantasia

Vesti-me de searas e de vento
em cores revoltas como a luz
e fui-me embora
disfarçado em pensamento
para dentro dum quadro de Chagall.

É lá que vivo agora
ano após ano
soletrando a fantasia
da verdade em cada dia
e do sonho em cada hora
sem temer o desengano.

30

Natureza

O pecado mortal é viver
a agonia da natureza
sem um gesto um movimento
um protesto de revolta
um último desalento
no desespero terrível
quando se perde a voz.

Esquecer essa agonia é olvidar
que tudo o que respira vive e morre
na terra no céu e no mar
se esvai num grito irreduzível
porque a natureza somos nós...

31

Imortalidade

Foram-se os espíritos nobres
ao longo da via astral
afastados do nosso olhar.

Mas as suas palavras cintilam
ainda e agora
no céu do pensamento
entrando sorrateiramente em nós
por portas abertas e janelas
com o fulgor de outrora

tal como as estrelas que se escondem

em constelações perdidas e recantos ermos
mas que nos fazem viver com elas
mesmo sem as vermos...

32

Os monstros

Hoje os monstros sobrevivem a tudo
com ar compungido e fugidio,
e até podem encarar as crianças
cujas almas roubaram
vazando-lhes os olhos
cortando-lhes a língua
e tornando irrisórios gestos que apontaram.

No silêncio geral
do pudor das almas delicadas
desponta agora uma justiça de permeio
que escreve, escreve, escreve sem descanso
factos, factos e novos factos
em páginas e mais páginas.

De tanto escrever e rescrever
as letras diluíram-se num oceano de tinta e vomitado
que mais ninguém consegue ler.

Decreta-se, enfim, que não há culpado.
Tudo resultava do cálculo maquiavélico
de diabólicos entes de palmo e meio
declarados mentores do crime organizado.

Graças a Deus que se fez luz!
Agora que as vítimas foram desmascaradas
é preciso processá-las antes que cresçam!

33

Novo ciclo

Foram-se os dias e as noites
na cauda de um cometa de passagem
que segue o rasto da flecha do tempo
e não mais volta.

Só ficou a claridade dos movimentos já cumpridos
no pulsar dos instantes revividos

o som dos risos que regressam às vezes
quando as tardes desfalecem

o eco das palavras de esperança
gravadas em sulcos de emoções

as imagens que assaltam a lembrança
como ondas a falésia quando a calema vem

as recordações que bruscamente acendem
fogueiras nos corações em tocaia

o silêncio que desmaia
quando uma pena roça a face adormecida

o vento que suavemente dança
uma música distante vinda da memória
que se esgueira por entre as frinchas
da porta emudecida.

Vale a pena reviver o que ficou
se soubermos reconhecer o rosto do efémero
e guardá-lo numa mão semi-cerrada
como se abriga uma ave ferida

até que sare a dor
até que a alma regresse ao ponto de partida
num voo sereno como o do condor
e recomece um outro ciclo ou nova vida...

34

Regresso ao sol

Quando estremeceram os relógios
o brilho do olhar
extinguiu-se como a primavera
em vésperas de estio
e regressou ao sol donde viera
deixando na sua esteira um rasto de luz
no oiro que escorria de cabelos fartos.

Para trás ficou
um gemido em anos prolongado
que o vento imita às vezes
quando uiva baixinho num ermo perdido
e vem desamparado habitar
dentro da solidão e do temor

como se penetrasse espavorido
num lugar abandonado
em busca de refúgio
para fugir à dor...

35

Horizonte do mundo

O horizonte do mundo
fechou-se nas asas do corvo
e abriu caminho de olhos vendados
nos passos que vacilaram
em pés ensanguentados
quando o sol fugiu de roldão
no dorso das aves.
Foi então que as lembranças regressaram em tropel
pelas frestas da muda solidão

36

Criação

As coisas não são como são
mas o que delas se faz
por isso o poema é possível

37

Voz

Não há no espaço mais nada
do que a voz que vem de longe
rente aos astros
e segue as pegadas que ficaram
nos sítios mágicos

voz dos dias e das tardes sem regresso
quando à praia da Parede
ainda chegavam os sargaços
que se afogaram no mar

voz que diz a mágoa de saber
que não mais volta
e traz a lembrança dolorosa
de pensamentos à solta

38

Silêncio

Não há pássaros nem insectos
nem ruídos nem zumbidos
lá onde passam incansavelmente os vivos
que sem saber já estão mortos
em gestos de calcário
nas ideias esmagadas distraidamente
como folhas derrubadas
que desmaiaram nos braços da árvore
atingidas pelo bafo regelado do Inverno...

39

Pesadelo

Os olhos do mar espreitam por entre as casas
iluminando a rua para a pintar de azul
com desenhos de peixes voadores
espalmados nas paredes brancas
e corpos de naufragos mortos debruçados à janela

a despedir-se do sol

enquanto árvores sacodem cabelos verdes
e o vento deposita aos pés da solidão
o sabor almiscarado de frutos tropicais
vindos de longínqua infância
que trouxe consigo o cheiro de plantas silvestres
de africanos matagais
e rubras buganvílias em flor

a incendiar de cores desvairadas a planície onde vagueiam sombras
à procura de destinos novos
para esquecer a dor.

40

Fanatismo II

Aí vêm de novo ao cair do dia
os algozes loucos do apocalipse
com ódio a escorrer dos sabres e a tingir as mãos
de órbitas vazias donde o olhar fugiu
bocas gangrenadas
por um deus vociferante
que escravizou a própria morte.

Cerremos os punhos e os dentes
para enfrentar com olhos frios
a noite das facas longas
rasgada pelos uivos dos dementes

e afoguemos devagar a peste
no sangue verde da sua própria raiva...

41

Viver sem dar por isso

Morreu ao entardecer o último sussurro
do coração agitado pela incerta dúvida
do homem que viveu sem dar por isso
até ao suspiro derradeiro na hora da partida.

Mas um dia abriu-se a pedra tumular
para deixar passar a sua alma
que por montes e vales andou perdida
e que voltou para encher a noite húmida
de um cântico atormentado
implorando com desespero o seu regresso
ao que só agora sabia ser a vida...

42

Vontade

Que venha a incerteza abalar os corações
neste tempo plúmbeo de infidelidade
aos ensinamentos já esquecidos.

Que venha a tolerância no rigor
da mente e do gesto
comandar as emoções banais
da morna vivência do quotidiano
e suportar estoicamente a dor
das perdas desesperadas sem regresso.

Que venha a energia da vontade
suster a cegueira do furor

e afastar com o reverso da mão
ou a lâmina da espada
o ódio estranho dos que só almejam
ser o que não são
sem saber o que não sabem

para quem, nas trevas opacas da superstição,
a morte fútil é a palavra de ordem
quando a razão desfalece
numa golfada de sangue.

Não deixaremos que se rompa
o ciclo da natureza
o voo tranquilo das gaiivotas
o exacto crescimento das flores
ou a rotação matemática das estações

porque a vontade resistirá ao medo
mesmo que lágrimas de sal
escorram nas paredes
como a lava dos vulcões
no julgamento final...

43

O grande rio

Veio a morte em asas de silêncio
arrebatar a luz, vazar os olhos
emudecer a boca
coser o riso na garganta
abafar o grito das entranhas
quando a matéria e o espírito
se separaram pela derradeira vez.

Ficaram para trás turbilhões de pensamentos

recordações, alegrias e remorsos
desses tempos que se transformaram

em destroços de eternidade
arrastados à deriva
na corrente do grande rio caudaloso
onde se afoga a vaidade
no desesperado esbracejar de Sísifo

44

Aniversário

Hoje é o dia da eternidade
em que a vida se fundiu na morte

é o aniversário da última verdade
trazida pela mão do desengano

é a mágoa das horas já sofridas
suspensas na espiral do tempo

é a certeza irreparável do efémero
no canto da ave ou no sopro do vento

é mais um passo na longa caminhada
até ao reencontro de destinos

na galáxia do verbo sem palavras
onde chegam silenciosos peregrinos

quando o sofrimento adormece
como a chama de uma vela que se apaga...

45

Quando nascem flores

Nascem flores em mãos abertas
quando os braços se estendem até ao sol
para lhe arrebatam a luz
e combater medos que espreitam
sob as pedras
enterradas no fundo de cavernas cegas
onde a compaixão não entra.

Dessas flores brotam às vezes
chamejantes espadas
que a razão empunha

para decepar palavras e quebrar silêncios
de promessas rasgadas
pelo esquecimento

espadas
que calem vozes desvairadas
de almas já mortas
que moram nas trevas
do ressentimento

para do chão erguer
os que lá tombaram
de punhos cerrados

quando recusaram
erguer o estandarte
de cumprir a vida
só para morrer

porque a morte é irreparável fim
nunca recomeço
se espezinharam flores

no sangue sem remorso.

46

Prece

Venha o sol venha a lua
venham as aves do céu
venham os corações aflitos
de alma simples e nua
venham os astros caídos
venham as saudades do que foi
e mais não volta
venha a revolta
de uma multidão clamorosa
de espíritos livres à solta
que recusam ir-se embora
venham as canções silvestres
o chilrear das crianças
a fazer desenhos coloridos
com a língua de fora
venham as velas brancas
que passam ao largo
dos corações pintados
nas pregas do olhar
venha o braço da firmeza
e o punho da valentia
concertar as injustiças
por toda a parte espalhadas
até aos confins da terra
e à profundidade do mar
venha a vida salpicada
de risos e gargalhadas

que ecoam no universo
mesmo depois de morrer

47

O ano do porvir

Desenho no céu um traço
que pisa o corpo do tempo
e rasga o ventre do espaço
abrindo o horizonte a um novo ano
onde o futuro começa sem memória
para apagar tristezas antigas e velhos sofrimentos
como se o mundo nascesse no preciso instante
e tudo tivesse voltado ao seu lugar nesse momento
envolto na força da magia
tão poderosa da infância
quando a verdade era fantasia
e a fantasia a única coisa realmente verdadeira.

Um dia as portas abrir-se-ão uma a uma
empurradas por espíritos benevolentes
ao longo de um corredor sem fim
até à última guarida
onde chegarei guiado pelo apelo mudo
e com alvoroço tocarei o espelho
do outro lado de mim.

48

Morrer pelas ideias

Morrer pelas ideias
não as torna verdadeiras.
É melhor viver por elas.

49

Nilismo

Enterremos a lâmina da memória
no corpo do nilismo
para descobrirmos o que fomos
sabermos o que somos
e poderemos então pagar o preço
de merecer a vida...

50

Sonhar

Pensar que se pensa
também é pensar
ainda que o nada não possa ser pensado
e seja pensamento inacabado
de efémera intuição.

Porque não, se afinal
também a fantasia
acalenta os dias?

51

Confusão

Quem disse alguma vez
que amar é interpretar uma mentira
não sabe do que fala
ao confundir instante e duração,
a palavra autêntica e sentida
com a retórica vazia,
o abraço com o gesto vão,
a morte com a vida...

52

Tsunami

Irado o oceano abriu asas de condor
como cordilheira ou Adamastor
que se abate com um rugido sobre a planície
esmagando carne e devorando gritos
que se afundaram num abismo de espanto
de que apenas ficou o rumor longínquo
de um silêncio que se esvai
em moribundo pranto
nas terras martirizadas
que a noite engole quando o dia cai.

53

A morte dos deuses

Os deuses cairão tragicamente mortos
trespassados por um raio de fogo ou de luar
ao desaparecer o último homem
e não restar mais ninguém
na terra gelada para recordar.

Sem os homens, os deuses são inúteis
e deuses só com deuses
não são deuses
mas outra coisa qualquer.

Quando o Eterno der lugar
ao infinitamente temporal
os deuses envelhecerão lentamente
nascerão sulcos e neve no rosto surpreendido
esbracejarão em gestos sem sentido
perderão a memória
do que foi o bem ou o mal
o inferno ou a glória
conhecerão a dor da brevidade
e desfazer-se-ão por sua vez em pó.

Então o planeta será apenas um ponto no espaço
uma minúscula esfera agarrada
ao fio vertical da gravidade

como um pião que gira solitário
na palma de uma mão enrugada
que treme de cansaço.

54

Alegoria das flores

As flores nascem no riso
das frescas manhãs da juventude sem idade

nas gargalhadas das tardes ensolaradas
quando a luz as envolve
no esplendor da maturidade

na quietude suave das noites
que se espreguiçam langorosas
quando da seiva escorre a vida
e da vida a eternidade.

As flores nunca morrem
enquanto forem flores...

55

Juventude

A chama da juventude não se apaga
se, aqui e agora,
espalharmos sobre ela ao longo do caminho
macheias de sonhos
e sementes de recusa

para que as raízes não medrem à sorte
num espaço sem fora
em corpos de medusa
que se movem fechados sobre si
num casulo de chumbo

à espera da segunda morte.

56

Antropocentrismo

Um dia zaratrusta será repelido
para a periferia do universo

e então os animais, as plantas
e tudo o que
desesperadamente até aí sobreviveu,
respirarão de novo

como nas madrugadas frias
do princípio da criação
em que o tempo ainda não era tempo

quando os deuses não tinham chegado
trazendo acorrentado
o homem pela mão

e as catedrais
não eram depósitos de mercadorias.

57

Progresso

Quando a terra deixou de ser sagrada
os homens tomaram-na de assalto
e, com a fúria do vento

e uma ambição gelada,
sangraram-lhe a alma
até cavar um buraco no vazio
onde não cabe a memória
e se afoga moribundo o pensamento...

58

Saber sonhar

Quando soubermos sonhar
(e não há nada mais concreto
do que o sonho assumido)
os mortos que já amámos
no fugaz instante de uma vida
voltam sempre que quisermos
a entrar por essa porta
aberta de par em par

para fazer o balanço
dos sonhos que se esfumaram
e dos que ainda tivermos
quando chegar a hora
da única certeza...

59

A alma nutritiva

Aristóteles para todo o sempre ensinou
que o espírito se alimenta de verdade
quando tem uma *alma nutritiva*
instalada no centro do ser e do não-ser.

É ela a sombra fugitiva
que a natureza criou
para os dias desiguais

como o tumulto de um rio
que chega de rompante das montanhas
nas secas manhãs de estio
e vem perturbar o sossego inquieto dos lagos
que sobraram no coração do homem...

60

A verdade do sentido

O sentido da verdade
e a verdade do sentido
são como as faces de Jano
desenhadas a pincel
num espelho distorcido.

O sentido da verdade
rasga o espaço e traça o rumo,
flecha do tempo atirada
para um ponto cardeal
em qualquer parte escondido.

A verdade do sentido
é um despojo de vida
sem lugar para a vaidade
onde soçobra a mentira
e se busca a substância
da imanência obscura
que projecta a claridade...

61

Cinzas no mar

É com macheias de algas
e flores de lava
que saúdo a passagem das cinzas
onde está escondida a alma

a viajar na corrente
empurradas pelo sopro
da brisa vinda da morte
e para o sul de partida.

As cinzas vogam nas ondas
cinzeladas a escopro
que festejam o retorno
a outra forma de vida
no *universal singular*.

É assim que se entrelaçam
os cabelos que branqueiam
com esmeraldas no olhar
enquanto pairam gaivotas
em espelhos nus que mergulham
nos rendilhados de espuma
do rosto sereno do mar.

O fulgor de nostalgia
desta viagem das cinzas
a singrar nos oceanos
planta nas vagas cavadas
velhas raízes de outrora
e guarda o fogo sagrado
recordando cada hora
cada instante
cada minuto de vida

ancorado na memória
desta falsa eternidade
quando a lembrança ferida,
abandonada, sozinha,
desencontrada de si
pela traição da idade
agonizar lentamente
sem protecção nem guarida
e desaparecer no espaço
onde apenas resta o eco
de palavras que ficaram
e gestos petrificados
duma existência esquecida.

62

Brevidade

Morar num breve sopro
entre dois infinitos
incomensuráveis
é ser o ser que passa
num golpe de asa
a romper a sombra
o vento e a onda
da temporalidade
e voltar às trevas
que o homem esqueceu
nessa claridade
que menos durou
do que a frágil luz
que só cintilou
e logo feneceu
como um fogo fátuo
no mapa do céu.

63

Homens no plural

Humanidade
prece ou palavra singular
substantivo colectivo
tantas vezes
evocado em vão
na monotonia
do bem e do mal
até à exaustão
até à agonia

quando se esquece
que apenas existem
homens no plural
se a vida determina a consciência
e não apenas a consciência a vida.

64

Num quadro de Rouault

Quando a angústia chegou
ao atravessar a vau o grande rio
o homem teve a revelação da morte
num quadro de Rouault
e vislumbrou de relance o artista de tocaia
disfarçado em Cristo
do lado de lá da tela

a mão mutilada na charrua
lavrando a teia de uma aranha
no manto do entardecer
enquanto em pinceladas de fogo
pássaros caíam do céu
como pedaços de granizo a arder.

Foi então que descobriu
olhando o horizonte que ficara para trás
perdido num impreciso traço
que o ténue rasto do caminho percorrido
durante a longa vida até ali vivida
cabia todo inteiro num só passo...

65

Ciclo da brevidade

A espada rasgou o coração da nuvem
e dela fez jorrar o sangue do entardecer
que tingiu num frémito de púrpura
a nudez em brasa do horizonte a arder
quando se cruzaram as últimas aves
a devorar espaços como setas famintas
até à morada das árvores
amordaçadas no verde sufocante da folhagem.

Então a morte passou por ali
majestosa e plural
arrastando o breu profundo
do seu manto imenso
vinda do arquipélago imortal
do desencantamento do mundo
nas coordenadas do universo suspenso
onde as sombras se diluem
em palavras de silêncios por dizer.

Quando regressou indiferente e gélida ao abismo
na lonjura sem retorno ou remissão
levou consigo corpos e farrapos
rompeu o ciclo dos dias renovados
feriu mortalmente o próprio movimento
matou ideias e vontades de viver
deixando para trás o sofrimento
das raízes arrancadas à razão perdida
num sabor amargo de querer e não saber
que sentido dar à brevidade interrompida
ou mesmo em derradeira instância e desrazão
se vale a pena voltar ser vivida...

66

Precariedade

A contingência estrangulou a eternidade
no gesto brusco que traça
um sulco no possível
quando o tempo é sopro que passa
fugidio ao dobrar a esquina
como a sombra que desliza rente
ao muro da suspeição
onde imagens se desvanecem de repente
seres nascem e logo desaparecem
quase sem darem por isso
no limiar da fronteira extensa
da contingente ilusão.

67

Nó górdio

Se a morte é cortina rasgada
num ponto de interrogação do universo
onde os deuses estão ausentes
e o todo se desfaz em pó
na solitária dor da solidão
que sobrou da ausência,

então o voo promissor das aves
no vazio desenhado à mão
é apenas uma linha trémula
segmento de recta desgrenhada
que vacila e se quebra de rompante
na consciência desesperada
que afinal a vida é imanência
da precariedade fútil do instante,
se dos confins do caos não chegar a voz
que redime o nada...

68

De passagem

Quando as lágrimas singraram
em direcção ao largo
deixaram para trás nas margens solitárias
sombras que já foram e se quedaram mudas
a olharem sem olhar vultos que passaram
enquanto o vento mordida a cauda com remorso
por ter dado às feras o coração dos homens.

69

Quando a poesia é crime

No vale das vozes
a poesia é crime
quando passa em silêncio a ignomínia
das verdades em baldios enterradas
com um punhal no coração
e mata indiferente o gesto livre
pela mão dos verdugos da palavra

a poesia é crime
quando maldiz a razão no pensamento
e acolhe da barbárie as velas enfunadas
vindas dos quatro pontos cardeais
donde chega a dor que trás o vento
no furor dos vendavais
onde escorre alucinado
o sopro da desrazão...

70

Notícias do sul

(Para Angola)

Os pássaros em formação trouxeram em asas de prata
lampejos decadentes de sol vindo de África
clarões que as guerras já quase apagaram

saudades dos amigos que foram em excursão ao céu
e lá ficaram por desgosto de viver
ou que aí vão chegando aos empurrões

perseguidos por cães enraivecidos a escumar
à voz de sicários e ladrões

sombras de antigas namoradas
que o crepúsculo envelheceu junto às raízes
a pele a definhar nas faces engelhadas

mandioqueiras que talvez descendam
de outras que a terra devorou ano após ano
desde a época recuada das velhas quitandeiras
de charuto virado para dentro como um vulcão que dorme

pescadores axilundas do Mussulo
a rebolem músculos como deuses gregos
fantasmas a deslizar no lençol da estrada
onde jazem estrelas pensativas que não brilham

porque a poeira ocre é dor ensanguentada
que varreu pegadas que ficaram
marteladas nos caminhos da memória
por multidões de pensamentos nómadas
dilacerados entre o passado e o presente
de uma existência espúria

mortos-vivos que desfilam em cortejo
em busca de um futuro ausente
onde a morte chega sem clamor
na agonia dos sons e na lividez da fúria
sem imaginário, sem vida e sem desejo
de receber ou ofertar amor...

São estas as notícias que do sul vieram
pela boca de mensageiros e poetas
que voaram por cima das muralhas
do tempo suspenso
montados em raios de luar
mas que do lado de cá só encontraram
rios silenciosos e indiferentes que passam

para se afogarem no mar...¹

71

Intuição

Voo do pensamento
asa de linha quebrada
que desata os nós do tempo

relâmpago de luz crua
cuja sombra se projecta
em ferida que não sara
na alma nua

eco que paira
a espreguiçar-se nos vales
em círculos de borboletas

eco que se afogou
no sofrimento de quem
conta minutos em vão
e vê apenas sentido
no sem sentido que tem
o apagar de uma vela.

Só a palavra é lar do ser
(seja onde e quando for)
da vida que aí mora

enquanto de sentinela
a morte espera lá fora...²

¹ Publicado em *Encontro* -Revista do Gabinete Português de Leitura de Pernambuco (Brasil), Ano XXII, nº 19, 2005

72

Renovar destinos

Vindo da terra e atravessando o mar
num voo sem direcção marcada
sem sítio onde pousar
sem saber que rumo ter
à boca da encruzilhada

o homem segue a monotonia dos dias
rio acima rio abaixo
ao sabor do querer dos deuses
que habitam a corrente
impelido sempre em frente
sem saber para que lado
nem se corre ou se enraíza
se recua ou vai a passo
porque a bússola em desvario
perdeu de vista as estrelas
e o trilho que vem delas
sem conseguir ver no espaço
vestido de azul profundo
o lugar que a morte guarda
onde, à vez, pernoita o mundo
talvez ao virar da vida
no tempo da relatividade
que a ilusão faz durar,
entre planetas, montanhas ou pinhais
no romper das primaveras
que mãos delicadas moldaram
com o barro recolhido
nas pálidas auroras boreais.

Mas chega o dia em que a vida

² Publicado em *Encontro*, Revista do Gabinete Português de Leitura de Pernambuco (Brasil), Ano XXII, nº 19, 2005.

quebra o silêncio da morte
como um relógio que se acerta
dando-lhe de novo corda
para dialogar com o tempo,
pulsar de coração mecânico
que pouco a pouco desperta

enquanto a chuva lá fora
num cair cerrado e lento
esculpe serenidade nas pedras
e faz desenhos no vento.

Então da terra encharcada
renascerá o perfume doce das amoras
dos lírios e dos sargaços
quando o sol incandescente rasgar o ventre da noite
iluminando os passos
e o voo deslumbrado das horas
na planície a arder

para que a cegueira não tolha o andar
a escuridão não apague da promessa o vulto
nem o silêncio amordace palavras necessárias
que como fénix mitológicos
devem subir aos céus e pairar
no espaço indizível do ser.

É preciso, murmura a natureza em volta,
que os riachos desabrochem no seu curso
invadam as encostas em tumulto
e varram as coisas fúteis
num gesto caudaloso de revolta
do tamanho do universo.³

³ Em *Encontro*, Revista do Gab. Português de Leitura de Pernambuco (Brasil) , Ano 22, nº 19, 2006

73

Sobrevivência

O corpo entardece quando o sol definha
no fim do percurso no prumo da linha
ao mesmo tempo que a alma bebe
na fonte da juventude eterna
a luz desmaiada da aurora inicial
embalada no dorso da seara.

É ela que mantém afastado de si
à distância de um sopro ou talvez mais
o bafo ofegante da esquiva sombra
que tece artes e manhas
mas não ousa passar o umbral
enquanto a claridade que do espírito emana
tiver uma língua de fogo nas entranhas
para incendiar a inutilidade do mal.

74

Espera

Galopam os dias na vertigem do instante
espezinhando o tempo nos cascos do vento.
Os anos envelhecem e as estátuas voam
silenciosas como o pensamento
em estradas gastas por recordações
espreguiçando-se campos fora
na mansidão vagarosa da espera
a viver os minutos de cada hora
até que se apague definitivamente o sol

porque entretanto morreu a primavera...

75

Partida

O homem recolheu a chuva nas mãos rotas
e deixou que os sonhos escoassem
na areia movediça das palavras
entre arrepios e sussurros de folhagens.

Então despediu-se devagar da vida
voltando as costas ao último rumor
quando chegou o tempo da partida
para as remotas paragens
onde o silêncio mata a dor.

Agora veste-se de pedra
e na pedra retoma um novo eu
por ter valido a pena ter passado
pela pena já perdida que viveu...

76

Tempo parado

Só a placidez insolúvel do rochedo
laminado pela mão do vento
amaina o furor dos deuses
quando o horizonte balouça
como um navio na crista
ou um coração que trémulo hesita

entre morrer e não morrer.

Se chega a calma, vem o nada,
no silêncio cercado pela ausência
quebra-se a espuma das imagens
e desmaiam sons que pairam longe
tão longe que o ouvido não alcança
e o próprio olhar a olhar se cansa.

No tempo que já não passa
há memórias sem guarida
que gota a gota escorrem
por entre dedos inertes
que ainda simulam vida...

77

Sonhos de grandeza

Vão os cavaleiros pelas nuvens acima
nos olhos da criança
enquanto os velhos se lembram com dor
do tempo em que as caravelas
agrilhoavam sonhos de grandeza
e estrangulavam cada dia a inocência
no regaço das velas enfunadas
inchadas de furor
a perseguir o nada...

78

Almas mortas

O espaço aberto não atrai espíritos pequenos,
dessa pequenez que a banalidade almeja,
plantados como estacas sem raiz que não projectam sombra
onde a paisagem nunca se renova
e a natureza só tem uma estação.

Espíritos que apodrecem sem memória
á beira de ruínas de um castelo
povoado de almas mortas.

São eles que saúdam as toupeiras
vindas de abismos escondidos
no coração dos homens
quando o pensamento estiola
a ambição desiste de cavalgar o vento
e o olhar na escuridão se imola...

79

Passagem

A sombra deslizou pela fresta do tempo
abafando os ruídos dessa tarde quente
ao passar a barreira para lá da qual
plantas e almas crescem num sussurro

onde vozes só chegam em pensamento
nas asas que passam rente à incerteza
para levar a transitória mensagem
dos riachos que viajam sem destino certo

a subir e descer montanhas mágicas
até se perderem na voragem
insaciável do deserto...

A sombra foi-se embora de mansinho
para outra dimensão do ser profundo
mas deixou um rasto de perfume
do tamanho do mundo...

80

O regresso do consentimento

Foram os tambores que em tempos rasgaram
a ordem gélida da resignação
e num alvoraço de chamas desfolhadas
fizeram o silêncio arder em labaredas
nas ruelas por onde rastejava o medo.

Hoje o seu rufar quedou-se mudo
os corações deixaram de bater
quando vermes devoraram a memória
e se abriram alçapões onde tombaram
uma a uma frustradas ambições...

Foi então que regressaram sem remorso nem pecado
os deuses inúteis das tragédias gregas
vindos de algum Olimpo almofadado
para dominar o espírito do ser
em nome de princípios cujos fins
são o próprio fim desses princípios
num movimento em círculo fechado
que se repetirá até apodrecer...

81

Sobrevivência

Enganar a solidão
é viver uma segunda vida
numa passada dormente

à sombra da sombra escondida
do lado de lá da lua

a tentar matar a morte
sem perecer no caminho
de uma noite indiferente

como um cão agonizante
a uivar sozinho...

82

Indefinição

A chuva escorre pelas mãos rotas
e vai terra adentro
até à raiz dos corpos descarnados
onde não chegam os rumores do vento
nem da injustiça a dor antiga

dor que paira em risos destroçados
como o eco num vale profundo
desde o tempo em que o tempo abriu as asas
e das horas se evadiu num voo largo
em direcção ao espaço indefinido
para cá do nada e para lá do mundo.

À semelhança da chuva
também a vida se escoia
sem rumo certo ou lugar

como a canção que mal nasce
morrendo logo a seguir,

como a onda que se ergue
e desfalece no mar,

como o tempo que não tem
a duração do porvir...

83

Independência

Caíram máscaras quando a meia-noite veio.
Pelos mastros subiram cânticos desfraldados
em bandeiras ensanguentadas de ilusão
no céu transitório da verdade.

Símbolos antigos agonizaram devagar
enquanto novos empurravam o vazio
com a imortal inocência da vontade
em passos sob os quais desliza o chão...

84

Fénix

Eis que chega de mansinho o sol do Oriente
semeando na crista dos montes e no leito dos rios
um fogo de lantejoulas que iluminam fantasmas
vindos no navio de luz de outra galáxia
para fundear nos lagos de Macau.

A sombra hesitante e esquiva dos antepassados
que se perdera no labirinto mortal da grande marcha
para lá das sentinelas mortas das Portas do Cerco

emerge com a lentidão sem pressas de um grande peixe
regressado das profundezas para vir à superfície
e abrir um sulco no fulgor solar.

Desde então renascem vozes e ressuscitam gestos
no sem sentido aparente de razões milenárias
alheias à vontade dos homens
que no barro moldam a incerta razão...

[Macau, Fevereiro 2006]

85

Os lobos

A fúria dos lobos e a raiva dos chacais
tomou as colinas de assalto
se desertou o pensamento
dos deuses confundidos que já não sabem
desembainhar uma ideia
nem sustentar na face

o sopro glacial da dúvida.

Em fraque, cangalheiros das sóbrias verdades,
daquelas que desabrocham entre mil perigos
no horizonte rubro da incerteza,
enterram a vontade nos escombros
salgam a energia matricial da terra
fazem dela a massa estéril
da técnica sem rumo, do rumo sem consciência
que devora a razão da liberdade
e a liberdade que nasce da razão,
em nome da neutra ambiguidade
que taceia em túneis de toupeiras
sem órbitas para vislumbrar o não!

Por isso são capazes de chorar a morte de algozes
ou de carniceiros dos Balkans
que florescem semeados pelo chão...

No entanto os uivos das feras desvairadas
e o seu rosar sedento
que fazem gelar o sangue das manhãs
e tolhem a cidade quando o Inverno vem

deveriam despertar em nós o sentimento,
sem nunca deixá-lo cair no esquecimento,
que os lobos também se abatem...

86

Destinos

Na turbulência da estrada
quando a poeira se agita
se homens rastejam nela
e perecem a abraçá-la

passam estátuas vergadas
em busca de um caminho
para chegar a Godot

nos percursos tortuosos
que transportam agonias
sem levar a lado algum

rodando em torno dos dias
dobrando esquinas do tempo
perdendo a vida a ganhá-la

ao morder pedras que jazem
numa memória vazia
onde os sonhos já só trazem
lembranças que não viveram,
farrapos de fantasia...

87

Limites do tempo

Em direcção ao espaço indefinido
para lá do mundo e para cá do mal
voam desejos nas asas da sombra

singram à deriva navios fantasmas
rumo ao promontório virtual
onde se afoga a loucura

até que na alma dos homens
renasça um dia o sentido
da escassez austera dos limites

até que Deus se arrependa

de ter desistido

até que venha a notícia
que regressou o tempo natural
em que as aves cruzavam simplesmente os céus
sem filosofia inútil

até que chegue o sinal
que a cegueira não alcança
as mãos já não tocam
e o andar não acompanha
por o julgarem perdido

e que afinal mora ao lado
nas três dimensões do ser

tão perto que só se vê
quando a morte arromba a porta
a golpes de machado

e apaga num clarão
o artifício do ter
para reduzir o desvario à dimensão
de evanescente passado...

88

Rasto efémero

Como a mão que o rosto afaga
desliza o tempo
até ao seio da terra

onde pairam recordações
e mora a espera

a viver da contingência das palavras.

É lá que empalidece a fugidia luz
no bafo frio do inverno
e desfalece lentamente o sopro
que alimentava o sémen das estrelas
na jovem alvorada.

Então o relógio do destino esgotou
o sabor imaginário do eterno
deixando na areia um sulco leve
que o vento apagará de madrugada...

89

Remorso

À porta blindada de silêncio
jaz o pó onde as pedras murcham
no torpor do gesto
que perdeu do despertar dos dias
deslumbramento e sentido.

É então que o moribundo descobre
o remorso de ser por não ter sido...

90

Memória

Quando a morte vem de surpresa,
chuva repentina
que engana o fulgor do verão,

o tempo desfalece
na memória dos que ficam

como gota que tomba na corrente
e num frémito se desvanece
atrás do rasto ausente

91

Decadência

Ao grito responderá
o clamor num eco
vindo do vale onde a solidão constrói
a guarida do homem.

Por isso o mundo talvez não sobreviva
ao exílio de Deus

a menos que a razão de Espinosa
seja a palavra certa

o voo das aves
trace rastos de fogo
em mensagens no céu

ou o estremecer da dúvida
levante o pó nas veredas escondidas
da natureza em revolta

quando a linguagem das cascatas
chegar aos ouvidos dos astros

das galáxias mais longínquas
no horizonte perdidas.

92

Viver à revelia

Ficou para trás o que não foi vivido
em pedaços de tempo amarrotados
que jazem pela berma dos caminhos
no recomeço de cada nova estrada.

O que sobrou escoou-se em mil ribeiros
que se perderam nos vales de silêncio
para lá do delta das miragens

onde a recordação esbraceja fugidia
a chocar em moinhos com cabeças de medusa
que matam lentamente as ambições
da revolta que vive à revelia...

93

Rebeldia

A única verdade que ainda sobrevive
lá onde as ideias agonizam

refugiou-se no espaço efémero
quando as certezas mataram
sabedorias trágicas

num exílio que durará até que passe
o reinado da arrogância e morra o rei
que comanda o despotismo da palavra,

porque nada sobrevive à morte
que se reflecte em espelhos cegos
com bandeiras a coser os olhos
quando a compaixão fraqueja

ou quando a noite chega num silêncio negro
e a claridade consente em perecer
morrendo o que a vontade almeja.

É então que o mensageiro dos deuses anuncia
que não há vida que mereça ser vivida
se se deixa estrangular a rebeldia...

94

Fim de cacimbo

Para Angola

Chegou o estio a arrastar
o bafo quente da ira
em desespero de fogo

quando os espíritos do mal
passam rente ao sofrimento
num cosmos desordenado
que enlouquece a verdade
na confusão do sentido,

matando o perfume antigo
do musgo nos muros velhos
e a música que as ervas cantam
ao renascer de manhã
na planície da ausência
onde agoniza a saudade,

estrangulando em silêncio
o que ficou por dizer
por detrás da aparência
que esconde dissimulada
o ardil da violência,

e a palavra não dita
que se usou sem ser usada
deixando pelo caminho
o amargo sabor do nada...

95

Interrogação

Se a matéria permanece
e a morte divide

quando o espírito rasga
a fugaz placenta
do encantamento
e se desvanece,

donde vem a música
que suavemente desce
a rampa das pálpebras?

para onde vão os passos incertos
em caminhos cegos
destinos errantes
no limiar do adeus

onde os sons se calam
o gesto se queda
e a voz emudece?

96

Substância

A ganância mora ao lado
tão longe que só se vê
nas entranhas do olhar
quando insondáveis se perdem
raios de treva engolidos
pelo vazio da espera

num poço que se fechou

e albergou a cegueira
regada pelo rancor
em que o nada finge que é tudo
e o fruto de tudo é nada

a apodrecer nas raízes
do coração e da mente
da floresta sombria
sem os cheiros de alvorada
nem cantos de ave esguia
porque a luz não vem jamais
sasar velhas cicatrizes
da substância dormente
no chamamento do dia...

97

Vozes

Dos velhos alfarrábios saem vozes antigas
que sussurram pensamentos a moldar a vida
e percorrem estradas verticais até ao tecto
entoando músicas ausentes
que vibram em surdina como se não estivessem lá
de sentinela a guardar fronteiras incorpóreas
em castelos erguidos sobre nuvens com raízes
que mergulham no coração dos homens.

De longe chega a vozearia da multidão virtual
que mói discursos e imagens em moinhos de palavras
a escorrerem na galáxia onde se dissolve o querer
trucidado pelo magma audiovisual,

palavras feitas de aparência e de ruído

que rolam por encostas e se espalham por caminhos
sem saída nem sentido
nem paz nem temperança
não sabendo o que é viver se alguma vez viveram
uma réstia de esperança
no mastigar do ser

enquanto lá em cima o tempo continua
como um fio de água que passa por entre a pedra nua
e cava com frieza rugas na mudança

98

Presente

Aprisionemos o instante do presente
em pássaro cativo nas grades do horizonte

numa eternidade imanente
sem utopia futura

nem nostalgia volvida
já perdida na lonjura

para que a palavra seja a ponte
entre margens altas da vida

não para construir a inocência do devir
no barro inconsistente da ilusão

mas repensar o pensamento
nos ciclos desiguais de contingência

como ondas que se desfazem na tormenta
e logo renascem em fortalezas de espuma

99

Tecnos

Quando os desvendadores de mistérios
brandirem o ceptro majestático da certeza
e fizerem pairar sobre a dúvida
a lâmina ou a mordança do algoz

então chegou a hora da exigência
o momento de soltar o grito
que espanta os pássaros em revoadas de medo
e petrifica o tropel dos rios

tudo apagando sem clemência
no coração e na mente
por não querer mais o tempo dos relógios submissos
onde se enraíza a substância ausente.

Deixemos para trás as cosmologias
que os ídolos crepusculares nos anunciam

abandonemos o desespero que habita em vão
o estatuto provisório de mortais

e celebremos a lógica da terra
na recusa da era da ilusão

construída no vazio universal
do ter por ter sem outra ideia mais

100

Tempo dos “ismos”

Chegou a nave dos loucos
que fundeou na baía
ondulando mil bandeiras
uma nova em cada dia

não tem mastro nem velame
tripulada por fantasmas
em tempo de assombração

almas mortas que mataram
a razão da rebeldia
e a vontade da razão

101

Utopia e finitude

O gesto passa ligeiro
mas o valor permanece
tenuemente ao de leve
inscrito na duração
da vida que tem o ser

e depois se desvanece
até perder o sentido
do sentido que já teve
e talvez não volte a ter.

Suspensa recordação
duma infinita leveza
abandonada ao relento

porque vida já não tinha

como o grito duma árvore
açoitada pelo vento
que lentamente definha
e desistiu de viver.

Assim se vão os valores
de uma ética ferida
por finitude do ser

e se acaso algum dia
a utopia renascer
noutros corpos noutra vida

vale a pena defendê-la
seja fé ou desespero
sem descanso até morrer...

102

Epicentro do quotidiano

O muro da indiferença
vai trepar até ao céu
acima do esquecimento
ao encontro do desprezo

quando tudo enregelar
e matar o pensamento
dos que não querem ter querer
p'ra não ousarem pensar

nem viver sequer p' ra ser
outra coisa do que são:
pedras tombadas no chão

morcegos cegos alados
no centro do firmamento
lentamente a apodrecer

pedintes sem alegria
de mente resignada
nas esquinas dum destino
ou em ravinas sem fundo
à espera de lotaria
com pobres sonhos de nada
onde sobra o desatino

a viver de mão estendida
em becos e vãos de escada
do reino do Eu e Mim
que para eles faz as vezes
de epicentro do mundo
a marchar aos recuões

entes que não são nem já foram
sem altivez nem vontade
para enfrentar ilusões
quando a verdade é mentira
e a mentira é verdade
que se torna universal.

Assim se vive e se morre
tantas vezes sem saber
que indiferença é desprezo
e que desprezo é mortal
quando o homem finge ser...

103

Brevidade

Chegaram devagar já gastos os sentidos
que lentamente vieram à deriva
por maresias impelidos
nos círculos redondos das correntes frias

quando o tempo de fadiga se esgotou
e o verbo a pouco e pouco se perdeu
em projectos que ficaram por cumprir

para lá do fio ardente
que trémulo vacila
na escuridão dormente
onde o amanhecer entardece

em passos longos perdidos
e os dias se apressam a agarrar a noite
porque a esperança fenece
na curta brevidade dos sentidos

104

Razão

Ver é pensar, enquanto que
o sentir é sempre transitivo
da interioridade pensada.

Basta que a palavra
se converta em gesto
e o gesto em mundo

basta que a gnose obedeça
à busca duma verdade
entre a sensibilidade que pensa
e o pensamento que sente

para que a razão sobreviva
quando o sentido não mente

105

Limites

A linguagem matemática
que desvenda o universo
é a razão fascinada
pelo encontro das coisas

mas não passa de ilusão
quando reduz o infinito
ao círculo redondo e baço
da palavra agrilhoadada

ou à finitude que trava
o movimento do tempo
na monotonia do espaço

onde seres sem substância
ficam no vácuo suspensos
sobre os abismos do nada

tal como a vida que tem
a consistência do vento
a vaguear sem destino
por entre ruelas estreitas
duma aldeia abandonada

106

Instante

Os minutos, os dias e os anos
são bucólicos cometas de passagem
que riscam o firmamento num traço breve

como o lampejo dos olhos
que o relâmpago acende
e logo desvanece

deixando no céu perfis indefinidos
de guardadores de rebanhos
talhados no clarão fugaz
do cosmos transitivo.

Então as trevas famintas devorarão
as origens da memória que partiu
no rasto do tempo relativo
abandonando o corpo à matéria inerte

quando o esquecimento abalar rumo ao Norte
para cumprir com humildade a lei do universo
nessa forma última de modéstia
que é a morte...

107

Tempo de ser

A duração é o seu verdadeiro espaço
contido na dimensão do tempo transitivo
rasgando tantas vezes cortinas nas janelas
para que órbitas vazias possam ver

e desvendar a ligação secreta
inscrita na anomia do possível
entre pensamento e Ser.

Mas a duração só existe
enquanto dura
a narração dúctil da palavra
volátil como a aragem

que se apagará um dia, ou numa noite escura,
quando secarem uma a uma
as árvores em granito da paisagem...

108

Passagem

Não é o ser que fica
mas a passagem.

Só assim a eternidade existe
no rasto invisível
do voo que passa

se nos contentarmos
com a ilusão da espera...

109

Razão ausente

Como nasce no campo a erva
assim desabrocha o símbolo imortal

sequioso da ancestral linguagem
que fecunda a palavra em revolta
contra o cosmos e a dor

e recusa a encantatória imagem
da razão exangue
plantada no silêncio ou no exílio

imolada por bárbaros sentidos
em becos escusos onde não escorre o vento

e as ideias são apunhaladas
para vender ao desbarato mitos

nascidos no universo contingente
das causas primeiras desventradas

pelas facas longas
da cosmogonia ardente.

Porém a revolta está viva como uma noiva que espera
na soleira da porta por onde a luz entrou

e mesmo se a traição se esgueira em passos de sombra
nenhuma barreira poderá jamais parar

a flecha solar que atravessa a dúvida
para no gelo da renúncia se cravar.

110

Certeza

Chegará um dia a última certeza
que ao abrir as asas toldará o céu
no rasto plúmbeo do adeus
e a cor pálida do receio.

Não haverá limite nem fronteira
para a flecha do tempo que viaja
no espaço estilhaçado da memória

e inscreve em cada lápide a cegueira
do orgulho sibilino
que no efémero se alquebra.

Nesse dia a luz é estrangulada
pela mão esquálida do olvido,

como a ave incauta de surpresa sufocada
no nó escorregadio do sentido.

111

Atrevimento

É sempre sob a forma de um saber
que a ignorância vocifera

112

Sentido

Não tem sentido saber
o sentido que a morte tem
na dimensão derradeira
donde nunca vem ninguém.

Seja o que for que lá está
multitude ou solidão
silêncio eterno ou clamor
recompensa ou punição

não modifica o presente
nem o destino a haver
até chegar esse instante
da duração perecer

e sabermos no devir:
que esteve em nosso poder
o simples acto de abrir
uma corrente na aragem

e ter a força de olhar
o que vale a pena ver
no outro lado da margem
da aparência do ser...

113

Caminho no mundo

(Relembrando Hegel)

Esse contraste profundo
entre a vida balizada
e o pensar intangível
dum absoluto no mundo

transforma a linha quebrada
da barreira intransponível

na serpentina meada
onde as aves fazem ninho

e os homens magoados param
antes de abrirem caminho
à era de perdoar

quando o juízo do mundo
em gestos amplos rasgados

traz a razão lá do fundo
de abismos que estão cravados
na agonia do mar

porque a história só é história
se for juízo do mundo

114

Desrazão e senso

O pensamento sumiu-se,
asas de mel que tomaram
a forma sem a matéria,

princípios ora intangíveis
que perto do sol voaram
na distância da miséria

tomados pela ambição
dos profetas da abundância
que sabem, ciência certa,
ser o Sim igual ao Não
e a alma sem importância

mesmo que a dor já escorra
pelas encostas em fogo
tingindo de sangue o chão

quando se vive de nada
amordaçando o protesto
nas vozes estranguladas
duma perdida razão

115

No fim do silêncio

No fim do silêncio
está a resposta
disse o velho sábio

porque a palavra é a causa
da sua própria causa

quando lavra regos
onde não há caminhos

e chega à claridade
rasgando cortinas

para dar sentido
à voz que esmorece

e romper a teia
que o silêncio tece...

116

Falsidades

Só o que é durável
cria duração e se renova.

Tudo o resto é sons
em desarmonia

tudo o resto é vão
palavra que voa
no sopro do dia

que deixa a demência
matar a razão

que avança no escuro
órbitas vazias

em fidelidade
a uma servidão

que diz liberdade
em aleivosias

arrasta-se na areia
fingindo pegadas
de tigre ou leão

que morre à sede
sem ver a nascente

e afirma a verdade
sabendo que mente.

117

Sono da razão

Os mercadores de nuvens fugidias
aguadeiros de ilusões

percorrem rastos sem trilhos
onde o desengano medra

quando o olhar é gerador
do seu próprio ver

a compaixão só existe
na consistência da pedra

e a transcendência definha
no instante de nascer

transformando então em nada

o quase nada de vida

porque já no fim da estrada
descobrirão com surpresa

que o sono da razão
só gera monstros...

118

Tumulto

Se a boca murmurasse
o que pensa o coração
na densidade do ser

o caos varreria com furor
a face do universo

tal como o voo subtil da borboleta
fecunda no âmago do tempo
o rugir devastador do furacão

119

Tempos novos

O mundo finito já despontou
no ocaso da verdade
onde tudo é relativo.

Vem aí o tempo de fuzilar
palavras e pensamentos
gemidos de liberdade

no mais funda das valetas
espalhadas pela cidade

matando saberes antigos
varridos sem piedade

para só deixar bater
o coração das pedras

120

Africa

Pela savana em silêncio
desliza sorrateiro o esquecimento
no universo das sombras
que abalroaram memórias.

Só a dor vive e persiste
por entre tambores de vento
que trazem vozes do longe
rasgando constelações
cerrando punhos na espera
de quando a compaixão chegar
ao coração da fera

Só a dor vive e persiste
em tempos de maldição
quando o caminho se esquece
e se aguarda que regresse
o sentido da razão

121

Idade o tempo

O tempo corre fugidio,
pássaro que desliza
entre dois pensamentos.

O que ficou suspenso
nos caminhos cegos
do passado ausente
é braço amputado
que não sabe se sente.

Mas já não basta sentir
nem alcançar o sentido
quando o tempo se confunde
conjugando o verbo ser

e a morte já está presente
no álbum envelhecido
dos trilhos por refazer
nos turvos sonhos do mundo

em pesadelos que agitam
vagas atormentadas
que no mar varrem o fundo

2ª parte

Ironias



IRONIAS

I

Ideias

Há ideias que matam homens
e homens que matam ideias.
O mistério derradeiro
é saber
quem neste confronto
morre primeiro.

No meio dessa tragédia
perderam-se as coisas belas:
são muitos a matar ideias
mas já faleceram todos
que estão ao serviço delas...

II

Ilusão prosaica

Se cada um de nós soubesse
o dia do funeral
previamente marcado
pelo destino fatal
ou outra qualquer má sorte,
cem mil vezes seria
à tortura submetido

e outras mil morreria
depois de condenado à morte.

A ignorância é, neste caso,
autêntica felicidade
sobretudo quando dura
a ilusão prosaica e tonta
de vã imortalidade.

mas os sábios não desistem
com muito afinco e destreza
de mandar mais do que Deus,
como se não lhes bastasse já
enganar a natureza!

Alguns proclamam mesmo
com óbvio descaramento
que a ciência é certa
que a verdade já tem dono
e que o resto é fingimento.

Lá no fundo, bem no fundo
desse juízo atrevido,
todos eles apenas esperam
que Deus esteja distraído...

III

Postal souvenir

Para o Alfredo Margarido

Era nos anos sessenta
quando Paris vivia por interposto Maio
num Carnaval de fantasia e retórica
que a imaginação em delírio

chamava com orgulho: “*etapa histórica*”.

“*Etapa*” foi certamente
“*histórica*” não sei dizer,
mas entre a austera sisudez
dos donos do saber
e a ligeireza romântica da ilusão,
se alguma coisa ficou para reter
muita mais se perdeu sem remissão.

Lembro-me do António José Saraiva
certa tarde hirsuto e façanhudo
no café do Luxemburgo
sobre Nietzsche a dissertar
empunhando o verbo alto e colorido
para desancar
não sei que ideologia insana,
enquanto o Alfredo Margarido
irado com os deuses
e com os exilados portugueses
matava, implacável, um a um
os piolhos da estupidez humana.

À volta, cabisbaixos e em silêncio
quase em oração
os arautos da revolução esperada,
indómitos pensadores
da filosofia da pedra lascada,
cogitavam em séria aflição
para encontrar átomos de coerência
ao menos profilática
entre os voos aprumados da teoria
e o mísero rastejar da prática...

IV

Progresso

Viva o futebol, diz o primeiro
viva o futebol, diz o segundo
viva o futebol , diz o terceiro
viva o meu clube, arremata o mundo

Assim falam com inexcedível brio
subida imaginação
e pensamento profundo
os tais
oitenta e tal por cento da nação,
ou mais,
a qual se diz por aí ter dado
novos mundos ao mundo
em tempos que já lá vão.

Num tom angelical
tais adeptos proclamam piamente
brandos costumes
nobres sentimentos democratas
et caetera e tal,
porém com uma excepção
mais do que justa:
o dever de esmagar como baratas
quem se atreva a pôr em causa
(é claro sem sombra de razão)
excelsos atributos
do bem amado clube
filho dilecto de beatas
em estado de menopausa
que, oh milagre!, dão frutos...

Eu mato pai e mãe se for preciso
estou seja quem for,
dizem com ardor
e carradas de razão
aqueles devotos
à mesa do café,
acrescentando até
com legítima emoção:
se alguém não concordar
esborracho-o com o pé.

Sou democrata mais que tolerante
afirmam todos com imaculada fé
e místico fervor,
mas se algum estupor
mais reles que animal
insultar o meu clube
e duvidar
que ele incarna
a luta pura e dura
do bem contra o mal,
chamo-lhe cavalgada
aberração
aborto natural
insulto-lhe a mãezinha
dou-lhe um tiro
na carapinha,
abato-o como um cão
espeto-o tal e qual S. Jorge
fez ao dragão!

Chegado ao fim deste fiel relato,
salvo erro e omissão
o resultado é chato.

De facto, na aparência
diz-se, pelo menos às mesas dos cafés,
que Portugal vai prosseguindo
destino de excelência
cavalgando de glória em glória
na senda do progresso.

Mas vistas as coisas
um pouco mais de perto,
deste processo
talvez seja mais certo
tirar também uma ilação cruel:

dos restos daquela História
que nos sobrou do passado
só ficaram escória
detritos e vomitado...

V

Ingratidão

Não sei de que se queixam
os queixinhas lusitanos
que só sabem refilar
constantemente
caluniando os ministros
que não servindo, se servem,
afirmam eles cruelmente.

Insultam os burocratas
que se matam ao trabalho
com virtude e devoção
à luz cansada das velas
para arranjar mais papéis
selos e carimbadelas
só para bem da nação.

Malandros de pouco siso
protestam que ganham mal
com salários de miséria
que por essa Europa fora
só suscitam pena e riso.

Mas esquecem, os ingratos,
que no seu descanso eterno
entrarão no Paraíso
enquanto os ricos vão
direitinhos p'ro inferno.

Tal vantagem não convence
nestes tempos infiéis
as mentes endurecidas
dos pelintras lusitanos
malvados e piquinhas

cheinhos de ingratidão
por desvelados governos
abnegados ministros
políticos que se matam
por uma côdea de pão
de tão mal pagos são...

Em vez de santificar
justiça e burocracia
que ao mundo estarecido
mostram coragem sem par,

acusam-nas de proteger
sem vergonha nem pudor
a velha pedofilia
o que é um grande horror
uma tremenda injustiça,
inútil será dizer.

Por isso o país anda

à deriva sem destino
quando os ingratos não querem,
só para dar um exemplo
desse grande desatino,
abrir os cordões à bolsa
para mais um submarino,
que destemido iria
afirmar nos sete mares
a nossa soberania

revelando desse modo
um espírito mui mesquinho
uma mente tão atroz
que mais vale pedir à Espanha
pra tomar conta de nós...

(2004)

VI

Uivemos, disse o cão surrealista

Uivemos, disse o cão
bem lusitano
e alçou a pata
em ângulo impecavelmente recto
como nunca antes tinha sido visto
tal era o rigor cartesiano
dessa coisa transcendente.

Perante exemplo tão original
que espantou a gente
saíram os vizinhos para a rua
de norte a sul do continente
para uivar à lua

em todo o Portugal....

Um imenso clamor subiu até ao céu
nos campos, nas aldeias, nas cidades
e o país inteiro ergueu-se como um só homem
para uivar em louvor do cão.

O animal foi então condecorado
por ter dado um impulso grandioso
à estética de alçar a perna
com a precisão científica e o talento
de uma bandeira ao vento,
tudo isso acompanhado
do uivo mais famoso
que jamais fora escutado
em terras lusitanas,
o que deixou o bicho
(que era mui modesto)
de tal modo admirado
por coisas tão insanas
que agradecido abanou a cauda com ardor
mil duzentas e cinquenta vezes
enquanto percorria Portugal
de lés a lés em farta exibição
na viagem triunfal
da sua consagração.

E tão comovido
ficou o pobre cão
que na cerimónia da medalha
morreu de comoção
antes de poder alçar de novo a perna
num rigoroso ângulo recto
do mais puro rigor cartesiano
provando que se não era de Descartes neto
era, melhor ainda, lusitano...

Por isso o nobre animal
mereceu as honras

de um grandioso
enterro nacional...

Ficou assim provado
senão pela ciência
ao menos por instinto vago
que somos todos irmãos
do cão do Saramago...

VII

Aleluia!

O famoso político ganhou as eleições

Aleluia!

Beijou abnegadamente com afã
duas mil e quinhentas
criancinhas com ranho
có-có nas fraldas e vomitado
todos os dias de manhã
até à noite, estoicamente
sem nunca tomar banho.

Passou a pente fino
bichas inteiras
de peixeiras com bigode
vendedoras de hortaliça
floristas brejeiras
que extremosas prazenteiras
o apertaram
nos seus braços de ferro forjado
e o lambuzaram por todo o lado,

apalpou discretamente

com sacrifício
por dever de ofício
gays do Bairro Alto
e costureirinhas da Sé,
abraçando com visível emoção
e fraterna solidariedade
todos os chulos do Cais do Sodré.

Gritou, gesticulou, babou-se a eito
em longos discursos bem sentidos
embora sempre repetidos
de que as TV proclamaram
a fantástica originalidade
digna de Orfeu,

até que chegou finalmente ao Parlamento,
ninguém se lembra já
se nacional se europeu,
o que de qualquer modo
dá sempre imenso jeito
para fazer discursos mais e mais
resolvendo enfim o dilema transcendente
a verdade crua e nua
cuja dúvida martiriza o povo:
saber quem nasceu primeiro
se a galinha se o ovo,

ao mesmo tempo que põe
nos píncaros da lua
excelsas maravilhas ultraliberais
do cada um por si e o resto ao molhe

dessa espantosa novidade
que é o Homem Novo.

Moral da história:
vale a pena sacrificar-se
pelo povo.

Aleluia!

(2004)

VIII

Direito à preguiça

Em tempos que já lá vão
quando os animais falavam
trabalhava-se para organizar o mundo,
mas hoje a paranóia consiste
em organizar o mundo para trabalhar.

Traiu-se uma lei honesta e necessária
à harmonia entre o homem e a terra.

Agora cheira tudo a carcaça
no espeto de um velho talho:
matou-se o direito à preguiça
e empunhou-se o estandarte masoquista
do direito ao trabalho...

IX

Carreira

O novo ministro caracoleia
à janela da televisão
que é onde se faz carreira
e não a esfolar sem critério
enterrado no ministério,
o que dá um trabalhão,

hábito antiquado e
falsamente sério
que já não está na moda
nem sequer é patriota
porque não há quem queira
praticar tal despautério.

Diz o jovem político coisas sábias
e outras tantas pias
para agradar em Cascais às tias
em discursos comme il faut
sobre justiça, igualdade,
fraterna solidariedade
e, sem quartel, com certeza
a luta contra a pobreza,

tudo isto apimentado
com sentimento na voz
braços abertos clamando
pelos nossos egrégios avós

e o hino da Portuguesa
como música de fundo
em sinal muito profundo
de autêntica singeleza.

Vai daí é logo eleito
pelo povo embevecido
que gosta imenso de o ver
a bater forte no peito.

O povo constata depois
quando já não tem remédio
que não houve nenhum jeito
ter feito a asneira de pôr
o carro à frente dos bois

elegendo aquele talento
sem se lembrar primeiro

que a pose não vale nada
e palavras leva-as o vento...

(2004)

X

Prosperidade geral

*Em memória
do Armando Antunes de Castro
pelas “ironias”
que tantos anos partilhámos juntos*

Uma alcateia de ministros empertigados
invadiu a aldeia de promessas.

O entusiasmo foi tanto
que os dentes cresceram
aos velhos desdentados

a égua foi coberta pelo bode
os bebés tiveram logo barba
as ceifeiras perderam o bigode

a vaca mugiu uma canção de Madona
e para a ouvir encantados
os peixes vieram à tona

enquanto os pássaros entravam pela janela
directamente para a panela
num voluntário e digno sacrifício
à prosperidade geral.

É assim a vida
no país das maravilhas

do reino de Portugal...

(2004)

XI

Poluidores

Era uma vez um ministro
que tinha um cão.

Era uma vez um cão
que tinha um ministro.

Ambos criavam detritos
e outras chatices mais.
O cão fazia-os no chão,
o ministro só nas leis
circulares e papeladas
com selos ministeriais.

Mas tudo vai dar ao mesmo
com resultados cruéis
para o pobre cidadão:
tem a caca nos sapatos
e a caca dos papéis...

XII

Opereta

Eram pai e mãe
e uns quantos filhos gulosos
cheios de brilho e fulgor
cada um com seu partido
cada qual com sua cor,
que a vida custa a ganhar,
é preciso estar atento
porque é bom sempre saber
para que lado sopra o vento.

O paizinho foi pra esquerda
a mãezinha pra direita
entre os filhos há de tudo
desde o esperto sempre à espreita
ao sonso que faz de mudo,
desde o feroz Torquemada
ao molengas mais astuto
que finge não fazer nada.

Quando algum vai pro poleiro
duma benesse qualquer
neste Estado benfeitor,
tudo come minha gente
com apetite e ardor

porque todos estão unidos
na mais sagrada irmandade
seja qual for a missão,
seita chalada ou partido
da ordem ou da desordem
(para o efeito tanto faz)

o que importa é estar na frente
ser feroz e bem voraz
seja em nome do que for,
tachos, poder ou tostões,
ninguém passa a perna à malta
e perder, nem a feijões...

Vem o pai, fala de tudo.
Vem a mãe, fala de nada.
Sem medo de repetir
os filhos tecem discursos
que lhe passam pela bolha
sobre a pátria bem amada:
da extrema esquerda à direita
da monarquia estafada
à República zarolha
da pureza racial
ao faducho nacional
tudo é bom pra estes jovens
de têmpera aventureira
servirem a nossa pátria
e, é claro, a carreira
que tantos proventos dá
num país de brincadeira
pois não há pátria sem homens
como os que andam por cá.

Nação que corre num rio
com enxurrada de leis
qual delas com mais dureza
que só apertam os calos
do Zéquina plebeu
um desgraçado escolhido
pela fatal natureza
que o destino lhe ofereceu.

Felizmente as leis malvadas
que provocam tanta dor
não se aplicam aos casos
de tão ilustres famílias
citadas nesta opereta
que submeto ao leitor.

Aqui as leis são benignas
ou vão gelar pra gaveta
até vir a amnistia
poupando contas sem conta
com o rigor fiscal da treta.
Nesse santíssimo dia
os fiscais endurecidos
adoecem com azia
ou viram amigos porreiros
dos falsos contribuintes
e todos juntos entoam
a música das Valquírias
com letra do Quim Barreiros.

Manda a verdade dizer
quanto às leis para este mundo
de gente tão bem fadada
a quem o fisco não toca,
que a história está mal contada.

A verdade, verdadinha,
deve enfim ser revelada
com a mais pura franqueza.
A origem da riqueza
não tem mistério nenhum:
cai direitinha do céu
se se rezar com fervor
uma sentida novena
e um Padre Nosso ao Senhor

Como pode outra justiça
simples mortal e terrena
de tributação viperina
contrariar esta última
que é e só pode ser
de autêntica origem divina?

Não o podendo fazer
como é mais do que evidente,
limita-se a cobrir tudo
com música celestial
ornando pudico véu
e assumindo a pose casta
de se pôr de rabo ao léu,,,

Vindo a riqueza nos genes
tal e qual o sangue azul
manda dizer a decência
que ninguém pode alterar
a obra da Providência.

O paizinho e a mãezinha
mais os filhos já referidos
da tão louvada família
fazem parte daquele mundo
(atenção é importante!)
que não é um “*mundo cão*”

porque empregar tal expressão
era ofender sem motivo
aquele nobre animal
que merece, estejam certos,
muito mais consideração...

(2004)

XIII

Cantiga

Diz o adágio do povo
erradamente, acho eu,
que mais depressa se apanha
um mentiroso do que um coxo.

Ó lá-lá ó lá-lá
ó lari-lá-lá

Tal ditado é das tais tretas
que no sentido moderno
não servem para ninguém

A olho nu todos vêem
que há ministros pernetas
mas ninguém percebe logo
que navegam em jangadas
e não em naus Catrinetas.

Ó lá-lá ó lá-lá
ó lari-lá-lá

Neste país de muletas
bem mais valeria ter
um bom par de lunetas
para ver o que se passa
a dois palmos do nariz...

Ó lá-lá ó lá-lá
ó lari-lá-lá

Disto retiro a lição
que querer caçar mentirosos
tem a mesma utilidade
do que prender proxenetas

só p´ra lhes dar um sermão

sobretudo num país
desenhado em linha recta
em que os ministros não mentem
e dizem sempre a verdade
tal e qual o Borda d´Água
ou uma santa irmandade.

Ó lá-lá ó lá-lá
ó lari-lá-lá

Tentar apanhar mentiras
à fidalguia de luxo
é impossível tarefa
e inglória ilusão
por não existir tal coisa
entre seres tão devotos
pela causa da nação.

E quando são despedidos
ou, diz o vulgo, corridos,
nunca por incompetência,
(já se vê, é evidência)
aceitam, com dor, ir parar
ao horrível purgatório
da fofa Administração
onde vivem de joelhos
e santa resignação

em empresas que antigamente
foram por si tuteladas
no tempo em que eram gente.
Agora vivem das rendas
de cujo merecimento
só os maus duvidarão,
com fatos de caxemira
e pantufas de algodão.
Ó lá-lá ó lá-lá

ó lari-lá-lá

E lá vamos cantando e rindo
levados, levados sim,
que o progresso é para amanhã
e a pátria é um jardim
feito de engenho e afã..

O que é preciso é que esteja
cada macaco no seu galho.
Que se lixe o revirinho
Que só sabe protestar
e mais outros pobretanas
que não querem trabalhar!

Ó lá-lá ó lá-lá
ó lari-lá-lá

(2004)

XIV

Brandos costumes

Marido que mata mulher
e a corta aos bocadinhos
é cena mais que banal
mostrando os brandos costumes
deste nosso Portugal
cuja raiz vigorosa
é toda feita de “inhos”.

O pior está pr´a vir
quando as mulheres chateadas
gritarem todas “*às armas!*”
aprenderem karaté

e lhes derem tais porradas
com cacetadas de paus
que os põem a mijar
chá de tília e água-pé

ou os pescoços torcerem
a cento e oitenta graus
de tais valentes de feira
de modo a darem-lhes cabo
desse aspecto prazenteiro
quando olham pr´a barriga,
e vêm só o trazeiro.

Nesse dia, aqui d´El Rei
grita o povo emocionado,
foram-se os brandos costumes
voltou-se ao estado selvagem
do mundo incivilizado.

Quando tal dia chegar
já não há moralidade,
a tradição está perdida

só restando essa saudade
do tempo da boa vida
puro, sereno e mais que são
em que o macho lusitano
brandos costumes brandia
no uso dos seus direitos
pr´o prestígio da nação...

XV

O regresso de Drácula no *barco do aborto*

Em certo país perdido
num canto do mapa-mundo
há um ministro do mar
moralista e furibundo
que manda em todos os peixes
do tubarão à sardinha
e dizem que mais ordena
num barco ou dois da marinha.

Mas esta triste história
sem grandeza nem glória
não acaba neste ponto
já de si de meter dó.
Lá diz o velho ditado
que um azar nunca vem só:
vai daí que cá chegou
de sangue todo pintado
cheio de pecado e mácula
um barco de feiticeiras
comandado pelo Drácula
que tentou de mil maneiras
atacar a alma pátria.

Logo o ministro mandou
fazer frente ao invasor
com esforço e mui fervor
apontando os seu canhões
ao tal barco do aborto
se o caso desse p' ro torto.

Hélas! a heróica marinha
ao cumprir ordens, levou
tal saraivada de fetos
que logo ali naufragou.

Nesta história bem pungente
onde a grandeza não falta,
falta o ministro valente
qu' ainda não teve alta
do hospício onde reside
com estatuto permanente...

(2004)

XVI

As moscas

Quando o ditador das moscas
só tinha aficcionados e admiradores
o reino era um oásis bucólico
de pasmaceira e flores.

Nesse tempo
as vacas pastavam em sossego
devolvendo à natureza o que sobrava
e as moscas comiam tudo o que ficava
com molho de tripas e legumes

em largas pratadas
de brandos costumes,

nos cemitérios os defuntos escutavam enlevados
por mais não terem que fazer
o chilrear da passarada
e o balir dos borregos
pensando neles em guisado
com batatinhas no forno
e um tinto de Alentejo pra beber
ao som do fado esganiçado,

enquanto se apinhavam em torno
os pobrezinhos respeitosos,
daqueles que sabiam pôr-se no seu lugar
no tempo em que o respeito era bonito,

dado quase não haver
contestatários ingratos
pra cuspir dentro da sopa
e, oh horror!, a festa interromper
por felizmente estarem todos mortos
ou por nascer.

Depois o ditador, que para surpresa geral
afinal era mortal,
hélas!, morreu,
desenlace que decorreu do facto prosaico de estar vivo,
não tendo deixado descendência
por nunca, diz-se, ter usado
o aparelho recreativo.

O aprendiz de feiticeiro
que a seguir lhe sucedeu
foi também por desgraça destronado
e desgostoso fez-se ao mar
num carro blindado.

As moscas fugiram espavoridas

ou foram substituídas
por outros insectos que tais
por répteis
por chacais
e por muita lesma.

É por isso que hoje, louvado seja deus,
a caca continua a mesma...

(2004)

XVII

Direito e avesso

Já não sei onde estou
nem mesmo quem fui ou sou
perdidas as ambições
que outrora, há muitos séculos, almejava,
em cavalgadas juvenis
onde havia amarras a soltar
castelos que era obrigatório libertar
princesas sequestradas
que, sabe-se lá porquê,
mereciam ser resgatadas,
monstros que não me fizeram mal nenhum
mas que queria por força derrotar
nem que fosse à dentada
e outros feitos heróicos
nesse campo de batalha
do quarto em que dormia
onde aventuras vivi
a esgrimir com a sombra
mergulhando espelho adentro
onde estava a cavalaria
do Emílio Salgari

que entrava à vez
com os quatro mosqueteiros
que afinal não eram três
como logo vi
(mas o Dumas pai
não sabia fazer contas pelos dedos)
e davam a volta ao mundo
se bem me lembro em oitenta dias,
ou em meses?

Por causa da idade
já não estou muito seguro
cá no fundo...

O tempo foi passando sorrateiramente
enquanto estava distraído
e hoje só vejo surpreendido
castelos em demolição
vendidos ao desbarato
a gentlemen de cartola,
monstros reciclados
na política e na bola,
princesas que já não dançam valsas
como antigamente
trazem jóias falsas
passeiam nas mundanas passarelas
em pose semi-nua
com a graça de cavalos de tracção
à frente da charrua.

É um mundo ao avesso
onde o coelho de Alice
saca homens do chapéu

onde as crianças são velhas
e os velhos não morrem nunca
salvo no terceiro mundo
que é para aprenderem
a não fazer escarcéu

(quem os manda nascer lá
em vez do lado de cá?)

Rica vida abençoada
pela ordem natural
(os ricos enriquecem
e os pobres empobrecem)
cientificamente provada
pela lei de Darwin
e pela justiça divina,
pois isso só acontece
porque uns trabalham muito
e os outros não fazem nada
como toda a gente sabe...

Hoje em dia não há sonhos
nem castelos encantados
e os velhos ideólogos
tanto os ateus como os crentes
estão todos embalsamados.

Os benfeitores da humanidade
são agora os financeiros
impolutos cavaleiros
e outros génios iguais
de pés assentes na terra
e coração instalado
nos paraísos fiscais.

A moral a tirar disto
é singela e elevada:
o dinheiro vale tudo
e tudo não vale nada...

XVIII

Vocação

Seu burro! nunca mais
passarás da cepa torta!
ou vais cavar para a horta
ou domesticar animais!

Não senhor, senhor doutor,
vou seguir pra professor...

XIX

A mulher

(cantiga popular)

A mulher é o futuro do homem
disse Aragon inspirado.
Porém pecou por defeito
quando esqueceu o passado
e o presente também,
pois sem mulher não iria
nem longe nem mais além
do que o estado primitivo
da pura selvajaria
bem pior do que a que tem...

XX

Enganos

(cantiga popular)

Repensar é coisa fina
que dá trabalho de mais
em tempo de eleição.
É preferível ler a sina
ou nos astros os sinais
do que ouvir novas promessas
com a mão no coração
e o voto a pedinchar.

Entre as mentiras da gatinha
e as traições da gentalha
não há muito que enganar:
uma é a face mesquinha
a outra a face canalha

que se juntaram à esquina
a tocar a concertina
e a dançar o sol-e-dó
mas a canção desafina
o país perde a cabeça
e a polícia desatina:
vai tudo pró xelindró.

Isto passou-se, tá visto,
nos tempos já bem distantes
em que os animais falavam
e liam livros que tratavam
de coisas mais importantes.

XXI

Receita infalível para a solução da crise

Os matemáticos enfeitam a pobreza com equações sábias
os economistas fingem que acreditam nelas
os políticos fazem com enlevo bonecos de papel
para nos bairros populares do reino das palavras
os oferecer aos pobrezinhos a granel
os banqueiros interrogam-se
com a legítima curiosidade de conhecer um pobre
as organizações internacionais gesticulam
com alarido e locuções estranhas
em torres de babel
os padres acreditam que a fé move montanhas
e oram para que passe a crise enfim
até que, aproveitando a distração dos governos,
um belo dia Nosso Senhor disser que sim.

Mas esses remédios sem dúvida infalíveis
levam o seu tempo a ter algum efeito
quando a via está, há muito, descoberta
por um tal Swift que resolveu tudo
tanto a miséria ao léu como encoberta
numa teoria que se fosse aplicada
acabaria num ápice com fome e crise social
para estabelecer até ao fim dos tempos
justiça sã e prosperidade geral.

A solução é simples e das mais primárias.
Bastaria para isso matar os pobres todos
e comê-los em seguida com artes culinárias
pois se há quinhentas e tal maneiras
de cozinhar neste país o bacalhau
haverá outras tantas ou ainda mais
para confeccionar maminhas de peixeiras
com salsa e colorau
costeletas de pobre e coxas de porteira

lombo de sopeira à moda de Cascais
rabo de varina assado à maneira
rosbife de caixeiro viajante
funcionário cozido às postas com molho do Gerês
sal quanto baste e gosto memorável
(mas não *steak* de ministro
que é sempre intragável)
e um sem número de outras iguarias
próprias de um digno chefe português
que teriam a vantagem imensa
de equilibrar a oferta e a procura
e cortar despesas perdulárias na Segurança Social
com vadios que não querem trabalhar
só porque têm oitenta anos e tal
como se isso fosse uma razão!

Poupava-se assim em hospitais
remédios caros para quem não paga
gastos com doentes que fingem que lhes dói
a esticar o pernil e sempre aos ais
desempregados que só sabem dizer não
às dezasseis horas por dia
como a higiene aconselha e o dever comanda
a tanta ingratidão!

Quanto aos parasitas que exigem pensões chorudas
ao nível escandaloso do salário mínimo
e põem um ar trágico
aos impostos sempre alérgico
apenas por terem perdido um braço, uma perna
ou ficar um bocadinho paraplégico
num mais do que natural acidente de trabalho,
todos sabemos que mentem com quantos dentes têm
(os desdentados ainda são piores)
já que uns nasceram degenerados
e outros, mais velhacos, desatarraxaram o dito membro
e têm-no lá de casa escondido e bem guardado
para viverem à custa, sem pudor,
do orçamento de Estado.

Acrescentam ainda os nossos sensatos liberais
que se formos desse modo parcos no gastar
poupa-se na importações e tudo o mais
na balança comercial, nas finanças,
obriga-se os pobres a viver à luz das velas
o que chega e sobra
recompondo o orçamento duma vez
segundo as ordens de Bruxelas
e da Comissão Europeia, comandada
por um antigo chinês
primo afastado dum soba do Camboja
um tipo formidável
com grande pedalada
que usava tanga, cortava cabeças
mas que felizmente se mostrou reciclável
em política séria e moderada...

Ao salgar, cozer, metendo a congelar
pelintras, tesos e outros salafrários
sem contar a malandragem da Quercus e da Greenpeace,
a solução genial que modestamente proponho
é a única que permite conciliar
o equilíbrio da economia e a baixa dos salários
o que só dá saúde ao mercado e que respeita
o milagre das rosas descoberto
pela concorrência perfeita.

Esta verdade irrefutável
está provada por axiomas de primeira água
demonstrados, é certo com alguma confusão
mas com fervor, por eruditos ilustres
que moram pendurados qual morcegos
à janela da televisão.

Instruídos por tão insignes mestres
sem ameaças nem tabefes
os pobres, sempre confiantes, não hesitarão

em ser eles próprios voluntários
e entregar-se às mãos dos magarefes
por amor da expansão económica portuguesa
e ter a patriótica felicidade
de salvar essa sobrenatural lei da natureza
que é o pacto de estabilidade.

E assim se chegaria ao fim da crise
alcançando o bem aventurado equilíbrio financeiro
em mares nunca dantes navegados
perante o espantado mundo inteiro
sem escusadas receitas extraordinárias
e outras fintas de qualidade insana
mas apenas utilizando o engenho pessoano
em criativas receitas culinárias
saídas direitinho da alma lusitana.

XXII

Discurso ao pós-modernismo

Disseram-me certa vez
num dos momentos propícios
a fanáticos verbosos
que têm a doce mania
de cuspir sobre o que mexe
(para mal dos pecados
da pobre Filosofia
de anão que nunca cresce)
que para ser pós-moderno
é necessário empatia
praticada com afinco
a toda a hora do dia
redondo como uma bola:
põe-te no lugar do outro

indivíduo malfadado
egoísta de uma figa
positivista sem tola
umbiguista impenitente
eurocentrista chalado
incapaz de alteridade
diziam os pensadores
com digna solenidade,
daqueles que comem alpista
num tom agreste e crispado
lá do alto empoleirados
no altar relativista
donde escrevem nos jornais
soltando risos de gozo
e uivos em vinagrete
de raposas e chacais.

E eu pus-me a viver num mundo
cheio dos outros sem nós
em que o eu desapareceu
e o nós é coisa morta
para dar lugar ao outro
o qual por sua vez
está também dentro de outro
e o outro de mais outro
e sempre assim de seguida
até chegar ao infinito
como *matrioscas* que encaixam
num movimento esquisito
em que eu já não sou eu
como era outrora a norma
mas qualquer coisa de mole
gelatinosa na forma
sem princípio nem fim
onde por caminhos tortos
vamos um atrás do outro
o eu em busca de mim
e o mim à procura dele
num jogo de cabra cega

a fugir do eu e nós
sem saber que se carrega
na barriga um albatroz
que lhe devora as entranhas
sem proveito pra ninguém
salvo a vaidade mesquinha
e as poses da saloiada
bem falante e comezinha
que é toda perfumada
arrastando a crina austera
e o instinto libertino
nos cafés de esplanada.

Pós-modernismo é assim:
nave de loucos à solta
na tempestade da moda
sem nada a que se agarrar
cor de burro quando foge
flatulência sem par...

XXIII

Probabilidades de sobrevivência

Depois de um inquérito estatístico à nação
altamente informatizado
e com rigor científico de ponta
por sumidades que pululam
por aí sem conta
descobriu-se a espantosa novidade
comprovada matematicamente
que Deus existe com toda a probabilidade
a quarenta por cento de certeza
mais vírgula e tal.

Retumbante vitória da ciência
e do engenho lusitano sem igual
por ter deste modo encontrado
o instrumento adequado
que explica a sobrevivência nacional
dispensando metafísicas de vez
e a teologia em geral
ao calcular o dobro do quadrado
do déficit orçamental do Estado
e dividindo cuidadosamente o total
pela raiz cúbica do milagre
que faz com que o país ande por cá
embora se admita, tristemente,
com sessenta por cento de invalidez.

Se se descobrir um dia, por azar,
devido à imparável tecnologia,
ter este cálculo pecado por excesso
e que afinal não há a tal muleta
da divina providência
nem sequer da astrologia,
que, juntas, regem a marcha
do nosso pequeno mundo,
então estamos tramados
e sem apelo nem agravo
o país vai mesmo ao fundo...

XXIV

Metamorfose num conto de fadas

Um dia o cata-vento da aldeia
que vivia pendurado lá no alto
por cima do campanário
na forma de um galo de metal
já com ferrugem
fartou-se de girar e mais girar
ao sabor da intempéries e do vento
ora para leste, ora para oeste,
sem que ninguém tivesse um pensamento
um gesto simples de mera gratidão
pela forma como, dia após dia,
em anos sucessivos,
provara o seu talento
cumpridor e mais do que esforçado
de sinaleiro do tempo.

Diz a lenda que perante tais agravos
o bicho fartou-se um belo dia
e num assomo de rebeldia
decidiu mudar de vida:
escorregou pelo mastro da bandeira
foi até à sacristia
e num gesto ímpio à maneira
de um galo desesperado
abriu a porta do sacrário
pegou numa hóstia já benzida
que o padre, míope e distraído,
deixara ali esquecida
fechada no armário
e preparou-se para a engolir
sem confissão nem nada.

Mas a hóstia que estava alerta e acordada
logo ali o informou benevolente
num tom de catequese
de rendilhada forma
que ele tinha o ensejo
por decreto e celestial norma
de pedir um prémio
por tantos e bons leais serviços
antes de atingir a reforma,
ou seja, dispunha do direito a um último desejo
para, como nos contos de fadas,
se transformar naquilo que quisesse.

O galo, que exercera desde sempre
a nobre função de cata-vento
e portanto era, por assim dizer, humano que sofresse
de acentuada deformação profissional,
não hesitou um só momento
e disse: *quero ser homem de verdade
e ir pro parlamento português
e já agora, se escolho o nacional,
é porque gosto de línguas estrangeiras
e quero aprender o parlamentarês.*

A hóstia fez-lhe a vontade
na justa recompensa do alento
demonstrado durante tantos anos
ao ter seguido com honra e desassombro
a direcção patriótica do vento.

E foi assim com mais esta recruta
que o país fez novos passos
na senda imparável do progresso
do nosso inolvidável desenvolvimento...

XXV

Contentamento dos realistas

Há pensadores que pensam com exaltação
(se não pensassem não seriam pensadores)
que o cepticismo consiste em não acreditar em nada
e que sonhar é, da primeira à última instância,
uma teologia surrealista e louca
que vive de cabeça para baixo
como um morcego pendurado
no céu da boca.

O realismo é para eles em cada circunstância
do morno quotidiano terra-a-terra
um pacto com deus ou o diabo
(mesmo que a fé seja nula ou pouca)
que deita abaixo os devaneios
de artistas, poetas e outros malfeitores
parentes de carraças e de pulgas amestradas
que não sabem sequer o que é a verdadeira vida
feita de suor, facturas, recibos, negócios
artes políticas e outras transacções
entre muitas e sempre dignas trapalhadas
que fazem a alma da nação,
quanto mais dar sentenças ou ter opiniões
que prejudicam os legítimos censores
oráculos da governação.

Tais acacianos do contentamento
de gestos comedidos ou espalhafatosos
dedo em riste e espinhaço erecto
para esconder a moleza do intelecto
navegam sem se afogar em torrentes de palavras
que a calúnia deles insinua ser
de patrioteirismo barato

por desaguarem quase sempre em sítios mal cheirosos
coisa, aliás, sem importância porque já não há olfacto.

Dispõem ademais de uma arma infalível
que é um imbatível argumento
na dialéctica ao mais alto nível
a que não se opõe praticamente nada:

nunca por nunca se calar,
e entrar se for preciso à bordoadá
para não ouvir os outros dizer *não*,
e a plenos pulmões sem descanso berrar
as ideias que compraram à socapa
em saldo na feira da ladra
ou aos ciganos no Verão...

XXVI

Consciência nacional

Era uma vez um país atrofiado
em espaço e pensamento
que proclamava do mundo uma visão
à escala do seu tamanho
como uma pulga amestrada
empoleirada num cão
convencida que decidia lá do alto
o destino dos homens e o rumo do universo
em cada salto.

Com uma elite de pulgas e piolhos
que cultiva o porreirismo amigo
a nação inteira só tem olhos
mansos para o seu umbigo.
Mas à força de querer tudo sem ser nada

o olhar foi ficando mais tacanho,
e por teimosia viciada
em glórias inimitáveis do antanho
deixou crescer no pátrio seio
um enxame de ideias pequeninas
que deram cabo das grandes
em nome da igualdade
que proíbe aos cidadãos
ultrapassar metro e meio

bitola justamente adequada
à cultura de TV com roupa suja
muita baba e ranho
e escarros de memória sem igual
que uma fada encarquilhada
com mais de oitocentos anos
farta de tanto aturar
por castigo transformou em epicentro
da consciência nacional...

XXVII

Impertinência

É um cão impertinente
vicioso cheira-cus
a fazer o que não deve
que me lembra certa gente
toda junta em alcateia
cuja prosápia só vem
do pouco senso que tem
quando tenta farejar
o rasto da vida alheia...

Mesmo assim o pobre cão
tem bem mais dignidade
pois só cheira um por um
de boa fé sem maldade
ou qualquer maledicência
apreciando o que vê
como bom conhecedor
e espírito assaz cortês
sem outra consequência
do que a nobre arte de ter
um cheirinho de prazer
somente de quando em vez...

XXVIII

Egotismo

Eu! Eu! Eu! Eu!
vocifera a boca palradora em desatino
com um não sei quê
sem olhos sem rosto
nem existência corpórea
porque só a boca se ouve
e só a boca se vê.

Minha mulher, minha casa, meu fato
minha carreira, meu cão, meu gato
minha vida, meu destino
meu, meu, meu, meu!

Lá fora não há dor nem alegria
e nada que se pareça com memória
ou amigos que se possam lembrar

porque o mundo inteiro não revive
nem certamente alguma vez viveu
ou teve opinião ou sequer estória

quando a boca se abre para falar
em tom diverso
e cobre o céu e a terra acabrunhados
com o seu insuperável Eu
maior que o universo...

XXIX

Tourada e carne fresca

*Foi aberta, para grande alegria dos aficionados,
a nobre temporada taurina na reabilitada Praça
de Touros do Campo Grande
(dos jornais, Maio 2006)*

O cavaleiro caracoleava
e na praça a orquestra trovejava
Ta-tchim! Pum! Ta-tchim! Pum!

No seu fato farfalhudo e ondulante
saltitavam pirilampos
pratas, lantejoulas e flores cor de pastel
enquanto a montada sacudia com soberba as crinas
de caracóis entrelaçados
e muitas serpentinas
bamboleando-se toda
ao som dum tango das pampas argentinas
trazido pelo Carlos Gardel.

Nas bancadas a multidão de pé
exigia a presença imediata
do touro
olé! olé! olé!

mata! mata! mata!
espumava a malta.
em tom corajosamente viperino...

Por fim entrou o bicho com ar contrariado
nesta história.

Deu três passos, parou a assobiar
certamente esperançado
que ninguém desse por ele
e fez-se pequenino,
tarefa assaz difícil e inglória

porque em fúria já o povoleu bramia
e o homem vestido à mosqueteiro
também vociferava
insultando-lhe com ardor a mãe
lá do seu poleiro

sem que o bicho, muito admirado,
atinasse um só instante c'ó motivo
de tudo aquilo...

“Isto é uma chatice”
pensou o touro num bocejo.
*“O tipo vem do asilo
e o cavalo é paneleiro”...*

E ficou na mesma pose recatada
até que, de modo traiçoeiro,
o outro dele se abeirou
e com fintas e requebros dançarinos lhe espetou
uma coisa dolorosa na lombada.

“Jesus! Maria!”
gaguejou o touro
vendo com a dor tantas estrelas
em pleno dia
que até lhes sentiu o cheiro.

*“Este gajo é maluco ou quê?!
Vou é pastar para outra freguesia...”*

Mas logo a seguir, recebeu
nova estocada e outras mais ainda,
e a páginas tantas
parecia um paliteiro

enquanto na tribuna o locutor dizia com maldade
que *“a besta não colaborava”*
e que quando às vezes investia
era sempre de maneira *“pouco franca”*.

*“Vai chamar besta à tua tia
e lamber sabão, oh meu!”*
rosnou o touro em surdina,
*“ainda por cima devo
colaborar e ser franco?!”*

*“Porquê tanto escarcéu?
Acaso fui eu que pedi
para vir até aqui,
meu grande parvalhão,
apanhar porrada daqueles dois
que não conheço nem de Eva nem de Adão,
o maricas do cavalo e o maluco do toureiro?”*

E pensou com nostalgia
em lezírias de cetim, verdes pastagens
saudosas vaquinhas ainda por cobrir
até que já sem forças desistiu
e se deixou cair...

Finalmente a jorrar sangue
amparado por várias enfermeiras
com guizos e chocalhos a tinir
o touro saiu em braços
a caminho do hospital, pensava ele.

Como estamos num país civilizado
de brandíssimos costumes
clima temperado
e sol de ouro,

não se mata na arena
nem uma mosca quanto mais um touro.

Mas quando se fecha a porta do curral
corta-se se for preciso ainda vivo
o desgraçado às postas
fiel à tradição castiça
deste nobre Portugal....

É por isso que por cá a carne é quase sempre fresca
como as meninas casadouras, a fruta e a hortalixa
para honra da gastronomia
e orgulho nacional...

XXX

Ilusões perigosas

O fanatismo exaltado
é o último refúgio dos velhacos

que esperam que o Santo Graal
ou mil virgens sem sal

lhes venham cair nos braços
a tremerem como vimes

nessa homenagem que o vício
julga prestar à virtude,

esquecendo-se que só não muda
a vontade de mudar

que a imortalidade morreu
de uma morte natural

que os defuntos estão fartos
de serem sublimes
em fábulas de embalar

e que os cemitérios estão cheios
de eternidades sem par...

XXXI

Proclamação

Aos fumadores crucificados

Não há clemência
p'ra monstros que fumam!
diz o grande mestre
do seu palanquim.

Não terão perdão
nem multa que chegue
ou sequer prisão

para os castigar
de ter cometido
pecado mortal
em comprar tabaco
e pôr-se a mascar.

Em nome da vida

que mora no céu
pois outra não há
sagrada no mundo
da nossa oração

matemo-los já
duma vez por todas
a tiro, à facada,
a murro, à dentada
sem extrema unção

até que se extinga
a espécie nociva
em alma que viva
de noite ou de dia

para ter enfim
a democracia
nas ruas, nas casas
e em cada jardim
ou espaço privado.

Proclama-se aqui
no tom mais sagrado
do poder legal
do nosso djihad

que os fumadores
são seres renegados
piores que animais

e que um cidadão
modelo moral
armado por lei
com balas de aço
e lanças mortais

tem o dever pátrio
de abater à vista

qualquer cão tihoso
ou vulto sombrio
parado a fumar
sentado ou de pé
na rua ou no átrio

que cheire a tabaco
cigarro, charuto,
cachimbo ou rapé.

Em nome de Deus
todo poderoso
da gente e da grei
proclamo e assino
esta nova lei
cujo grande intento
não salva a saúde
mas dá vitaminas
ao nosso orçamento.

*(Pela Europa Unida
contra os ímpios)*

XXXII

A morte do último fumador

Hoje, 1 de Janeiro de 2020,
a Comissão Europeia está em festa
e as televisões entusiastas rejubilam:

fuzilou-se na praça pública
em transmissão global
o último fumador apanhado
no meio da avenida
cigarro na mão inveterado
e ares de desafio no olhar
provando que a alma foi perdida.

Tanto faz ter ficado ou não provado
que o engenho mortal
estava aceso ou apagado.
Os bons costumes estão salvos
e a Europa mais unida.

INDICE

Nota breve	3
------------------	---

1ª Parte – Uma fresta no tempo

4

1. Fanatismo	4
2. Razão	5
3. Vento do Sudão	6
4. Lembranças para África	7
5. Migrantes	8
6. A vida continuar	9
7. Tempo finito	9
8. Vivência	10
9. Balanço	11
10. Civilização virtual	12
11. Feridas	13
12. Em cada dia que passa	14
13. Deserto	14
14. Idade sem idade	15
15. Ser	16
16. Viagem	16
17. Dor	17
18. Ideologias	18
19. Viver cada dia	18
20. Apocalipse	19
21. Olhar de frente	20
22. Sobreviver	21
23. Se o tempo dorme	21
24. Vertigem	22
25. Solidão	23
26. Noite	24
27. Trajecto	24

28. Dúvida	25
29. Fantasia	25
30. Natureza	26
31. Imortalidade	26
32. Os monstros	32
33. Novo ciclo	28
34. Regresso ao sol	29
35. Horizonte do mundo	30
36. Criação	30
37. Voz	30
38. Silêncio	31
39. Pesadelo	31
40. Fanatismo II	32
41. Viver sem dar por isso	33
42. Vontade	33
43. O grande rio	34
44. Aniversário	35
45. Quando nascem flores	36
46. Prece	37
47. O ano do porvir	38
48. Morrer pelas ideias	39
49. Nihilismo	39
50. Sonhar	39
51. Confusão	40
52. Tsunami	40
53. A morte dos deuses	41
54. Alegoria das flores	42
55. Juventude	42
56. Antropocentrismo	43
57. Progresso	43
58. Saber sonhar	44
59. A alma nutritiva	44
60. A verdade do sentido	45
61. Cinzas no mar	46
62. Brevidade	47
63. Homens no plural	48

64. Num quadro de Rouault	48
65. Ciclo de brevidade	49
66. Precariedade	50
67. Nó górdio	51
68. De passagem	51
69. Quando a poesia é crime	52
70. Notícias do Sul	52
71. Intuição	54
72. Renovar destinos	55
73. Sobrevivência	57
74. Espera	57
75. Partida	58
76. Tempo parado	58
77. Sonhos de grandeza	59
78. Almas mortas	60
79. Passagem	60
80. O regresso do consentimento	61
81. Sobrevivência	62
82. Indefinição	62
83. Independência	63
84. Fénix	64
85. Os lobos	64
86. Destinos	65
87. Limites do tempo	66
88. Rasto efémero	67
89. Remorso	68
90. Memória	69
91. Decadência	69
92. Viver à revelia	70
93. Rebeldia	71
94. Fim de cacimbo	72
95. Interrogação	73
96. Substância	73
97. Vozes	74
98. Presente	75
99. Tecnos	76

100. Tempo dos “ismos”	77
101. Utopia e finitude	77
102. Epicentro do cotidiano	78
103. Brevidade	80
104. Razão	80
105. Limites	81
106. Instante	82
107. Tempo de ser	83
108. Passagem	83
109. Razão ausente	84
110. Certeza	85
111. Atrevimento	85
112. Sentido	86
113. Caminho no mundo	87
114. Desrazão e senso	88
115. No fim do silêncio	88
116. Falsidades	89
117. Sono da razão	90
118. Tumulto	91
119. Tempos novos	92
120. África	93

2ª parte – Ironias	94
---------------------------	-----------

I – Ideias	95
II – Ilusão prosaica	96
III – Postal souvenir	95
IV – Progresso	97
V – Ingratidão	99
VI – Uivemos, disse o cão surrealista	101
VII – Aleluia!	103
VIII – Direito à preguiça	105
IX – Carreira	105
X – Prosperidade geral	107
XI – Poluidores	108

XII – Opereta	109
XIII – Cantiga	113
XIV – Brandos costumes	115
XV – O regresso de Drácula no barco do aborto	117
XVI – As moscas	118
XVII – Direito e avesso	120
XVIII – Vocação	123
XIX – A mulher	123
XX – Enganos	124
XXI – Receita infalível para a solução da crise	125
XXII – Discurso ao pós-modernismo ..	128
XXIII – Probabilidades de sobrevivência	130
XXIV – Metamorfose num conto de fadas	132
XXV – Contentamento dos realistas ..	134
XXVI – Consciência nacional	135
XXVII – Impertinência	136
XXVIII – Egotismo	137
XXIX – Tourada e carne fresca	138
XXX – Ilusões perigosas	141
XXXI – Proclamação	142
XXXII – A morte do último fumador.	145